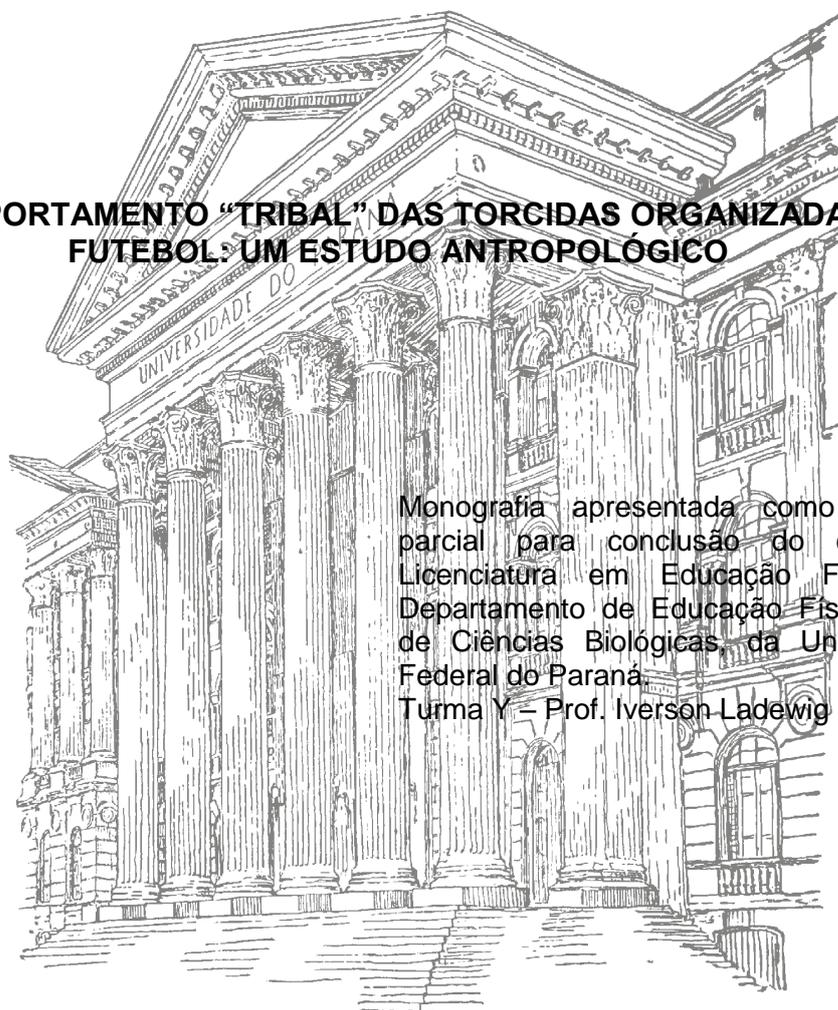


CASSANDRA BETTEGA FELIPE

O COMPORTAMENTO “TRIBAL” DAS TORCIDAS ORGANIZADAS DE FUTEBOL: UM ESTUDO ANTROPOLÓGICO



Monografia apresentada como requisito parcial para conclusão do curso de Licenciatura em Educação Física, do Departamento de Educação Física, Setor de Ciências Biológicas, da Universidade Federal do Paraná.
Turma Y – Prof. Iverson-Ladewig

**CURITIBA
2004**

CASSANDRA BETTEGA FELIPE

**O COMPORTAMENTO “TRIBAL” DAS TORCIDAS ORGANIZADAS DE
FUTEBOL: UM ESTUDO ANTROPOLÓGICO**

Monografia apresentada como requisito parcial para conclusão do Curso de Licenciatura em Educação Física, do Departamento de Educação Física, Setor de Ciências Biológicas, da Universidade Federal do Paraná.

PROF. WANDERLEY MARCHI JÚNIOR

AGRADECIMENTOS

A todos que, direta ou indiretamente contribuíram para a realização e divulgação deste trabalho.

Em especial ao professor orientador da pesquisa, Wanderley Marchi Júnior, pela credibilidade em minha busca e ao professor Júlio da Costa pelo carinho e apoio constantes.

SUMÁRIO

RESUMO	<i>iv</i>
1.0 INTRODUÇÃO	1
1.1 APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA.....	1
1.2 JUSTIFICATIVA.....	2
1.3 OBJETIVOS.....	6
2.0 REVISÃO DE LITERATURA	8
2.1 PRESSUPOSTOS ANTROPOLÓGICOS PARA O ESTUDO DAS TORCIDAS.....	8
2.2 APRESENTAÇÃO DOS CINCO PÓLOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS DA ANTROPOLOGIA.....	17
2.3 ABORDAGENS ANTROPOLÓGICAS.....	25
2.4 CONFRONTO ENTRE A VISÃO DO ANTROPÓLOGO E A VISÃO DOS TORCEDORES NO ESTUDO DAS TORCIDAS ORGANIZADAS DE FUTEBOL	30
2.41 A cultura como parte integrante da sociedade: de que forma a cultura do torcedor se relaciona com a sociedade global em que está inserida?.....	32
2.42 O comportamento dos torcedores: será a participação nessa estrutura uma necessidade intrínseca de crer em algo e/ou a procura de uma identidade social?.....	45
2.43 Os fatores sócio-econômicos: Influenciam na participação em torcidas?...	66
3.0 METODOLOGIA	71
4.0 CONCLUSÕES	76
5.0 REFERÊNCIAS	80

RESUMO

As torcidas de futebol assumem atitudes que muitas vezes assustam. O que o pesquisador precisa ter em mente é a importância de examinar a cultura que justifica esse comportamento e não simplesmente classificá-lo baseado nos princípios sociais de sua própria sociedade. A proposta do trabalho é embasar teoricamente o pesquisador no estudo das torcidas organizadas, já que, sem este embasamento, a pesquisa de campo corre o risco de tomar um caráter amador. Para isso, foi necessário realizar um resgate do referencial teórico da antropologia entendendo os seus diferentes enfoques. Isto propiciou uma discussão do material literário produzido sobre torcidas organizadas e a construção de um ensaio para um primeiro entendimento desta cultura respondendo às seguintes questões: 1) De que forma a cultura do torcedor se relaciona com a sociedade global em que está inserida? ; 2) Será a participação nessa estrutura uma necessidade intrínseca de crer em algo e/ou a procura de uma identidade social? ; 3) Os fatores sócio-econômicos influenciam na participação em torcidas? A tentativa de responder à estas questões foi feita pela pesquisa bibliográfica através do olhar tanto do pesquisador como dos torcedores a fim de apreender a realidade de uma forma mais abrangente.

Palavras-chave: Torcidas Organizadas, comportamento, referencial teórico antropológico.

1.0 INTRODUÇÃO

1.1 APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA

Tamanho é a popularidade e o prestígio do futebol no Brasil que até hoje muitos pensam que foi uma invenção brasileira. Talvez seja mais apropriado se falar numa reinvenção brasileira. Quem organizou os primeiros clubes no final do séc. XIX foi a colônia inglesa com o intuito de dominação e transformação cultural conseqüente. Desse modo, pode-se perceber que desde a sua origem, pela sua popularidade, esse esporte é utilizado pelos detentores do poder como mais tarde será analisado.

Mas que necessidade o torcedor tem que o futebol é capaz de saciar? Somente dessa forma se explicaria tamanha popularidade. A estrutura das torcidas se relaciona com a social e cultural do ocidente e acaba revelando uma nova cultura que aqui se pretende estudar. Como explica GEERTZ, 2002, p.145:

“O sentimento que um indivíduo, ou, o que é mais crítico, já que nenhum homem é uma ilha e sim parte de um todo, o sentimento que um povo tem pela vida não é transmitido unicamente através da arte. Ele surge em vários outros segmentos da cultura deste povo: na religião, na moralidade, na ciência, no comércio, na tecnologia, na política, nas formas de lazer, no direito e até na forma em que organizam sua vida prática e cotidiana”.

A pergunta central a que se chega é: Que crenças, costumes e cultura propiciam a um torcedor sentir a necessidade de participar de uma torcida? E porque este manifesta determinados comportamentos que no olhar ocidental parece violento e “tribal”?

Cabe descobrir de que forma essa necessidade provocada por uma diferente cultura se relaciona com a sociedade global na qual está inserida e se existe uma necessidade do torcedor de formular um outro conceito de *pessoa* diferente da construção ocidental. A pessoa ocidental se caracteriza como o centro da sociedade com direito ao seu espaço, individualizada das outras e que, para conseguir esta individualização, precisa lutar por si só. Todos são vistos como iguais perante a lei e até que se comprove certo “status” que se dá pelos seus bens materiais, a pessoa continua uma entre tantas.

Segundo Geertz, a forma de se descobrir e estudar as pessoas que se agrupam, a posição de cada uma delas em relação às outras, os ordenamentos da postura em que se colocam quando na companhia de outro, não deve ser feito com um olhar ocidental e sim como o resultado do tipo de relacionamento que existe entre estas pessoas (2002).

Preza-se a participação em uma torcida como uma espécie de realização de práticas rituais que não são estudadas para serem compreendidas, e sim julgadas como atos violentos. Mesmo assim não deixam de ser proliferadas de torcedor para torcedor, como qualquer cultura e os comportamentos se tornam naturais para aquela população.

Um estudo sobre estas diferenças entre os modos de vida e de pensamento de um dos múltiplos subgrupos extremamente diversificado e no qual várias ideologias estão em concorrência auxiliará no entendimento da sociedade capitalista brasileira. O objeto de estudo, portanto, não será designado pelo caráter “primitivo” ou “tradicional” da sociedade estudada e sim por uma abordagem que propicie um olhar particular sob diferentes enfoques a fim de abranger uma certa totalidade social.

1.2 JUSTIFICATIVA

As torcidas de futebol assumem comportamentos que por muitas vezes assustam. Os gritos de guerra, os atos violentos, as crenças, enfim, todos os fanatismos caracterizam os times de futebol como novos deuses da modernidade. Mas é importante examinar as ideologias e crenças que alimentam esse modo de ser e não simplesmente classificar o comportamento com base nos princípios sociais de nossa própria sociedade.

Segundo Geertz, devemos primeiramente examinar o centro e os símbolos e concepções que nele existem, para que possamos entendê-los e saber exatamente o que eles significam (2002).

Nesses espaços, pessoas de todas as cores, tipos, classe econômica e de todas as religiões se reúnem num ritual que todos entendem: o torcer. E esse ato com toda a sua estrutura e organização se relaciona às estruturas e organizações sociais. E mesmo possuindo essa semelhança na estrutura, a cultura local difere um pouco da global. Já fala John Beattie, que atualmente as culturas diferentes estão

entrando em contato em todos os lugares e durante todo o tempo numa escala crescente. Por isso o estudo de outras culturas tem se tornado essencial. Compreendendo outras culturas, passamos a entender melhor a nossa (1971). Principalmente porque a cultura que está sendo estudada está inserida na sociedade global.

As crenças no time e nos rituais fazem com que os torcedores assumam determinados comportamentos que fogem dos padrões sociais a que estamos acostumados e são aceitos por todos os membros da torcida.

Isso vem mostrar como uma sociedade tribal pode estar economicamente 'integrada', sem que isso implique numa automática modificação a níveis sociológicos ou ideológicos. DA MATTA, 2000, p.213.

A violência entre as torcidas é combatida com mais violência como que para restabelecer certa "ordem". Segundo DA MATTA, 2000, p. 164:

"Deste modo, não é a discussão fundada num ponto de vista individual que cria o fato divergente, mas é a sociedade com suas ideologias que abre dentro dela tal espaço: seja para o indivíduo e para o espaço individual, seja para a discussão a partir destes espaços, seja ainda para a divergência e seu reconhecimento como algo legítimo. Existem sistemas sociais que toleram e até mesmo tomam o conflito como um alimento social básico para sua própria existência enquanto conjunto saudável e íntegro. Mas existem também sociedades cujo temor ao conflito e à divergência é muito grande, daí certamente a sua dificuldade em reconhecer lutas e oposições que, para muitos, são evidentes. Há sistemas que dão prêmios aos divergentes, que são vistos como criativos e como figuras geniais. E há sociedades que dão prêmios aos pacificadores, ou seja: os que são capazes de buscar um ponto comum na divergência e no conflito. Creio que no Brasil, (...) buscamos sempre encorajar esse pacificadores, que tomam a ordem e a totalidade como sagrados".

Entender esse espaço como libertador, como expressão de criatividade e união, como algo positivo por ajudar a descarregar tensões é não perceber o quanto ele é gerador de outras tensões. Como afirma PRITCHARD, 1978, p.90:

"Assim sendo, não é o propósito declarado dos ritos que nos diz de suas funções. Sua significação real é, primeiramente, congregar os membros do clã e, em segundo lugar, renovar, pela encenação dos ritos nestas ocasiões de concentração, os sentimentos de solidariedade dos participantes do grupo. Os ritos geram uma efervescência na qual todos os sentimentos de individualidade se perdem e as pessoas se sentem a si mesmas como sendo uma coletividade, a partir e através das coisas sagradas. Mas, quando os membros do clã se separam, o sentimento de solidariedade lentamente diminui e deve ser recarregado periodicamente por outra assembléia e pela repetição das cerimônias em que o grupo novamente se reafirma. (...) Notemos que Durkheim não está dizendo aqui, como fazem os autores emocionalistas, que os ritos são levados a efeito para liberar estados emocionais exaltados. São os ritos que produzem tais estados"

Pode-se, através destes estudos, perceber como os valores cultuados nas torcidas se relacionam aos nossos valores sociais.

De que forma a fantasia coletiva colore a vida coletiva? – assim também qualquer ritual específico dramatiza algumas questões e se cala sobre outras. (GEERTZ, 2002, p.64).

Um exemplo sob enfoque dramático é o da fé em aspectos transcendentais que ajudam o time a vencer não se assemelham à crença em algo superior capaz de mudar a realidade sem que os próprios indivíduos sejam os responsáveis pela mudança. Pensamos ter liberdade de comportamento e nem se percebe que nesses espaços os rituais ajudam a reforçar a estrutura social causando, por muitas vezes, reações de defesa à identidade da torcida. Como afirma DA MATTA, 2000, p.213:

“(...) quanto mais o contato com uma sociedade dominante conduz à perda da identidade ou à desmoralização étnica, mais o grupo tribal busca reconstruir essa identidade por meio da instrumentalização social dos domínios que a sociedade envolvente deixou intactos. No caso em consideração, as esferas do mitológico, do mágico e do religioso”.

Para que este estudo pudesse ser realizado, foi necessária uma revisão sobre as teorias da antropologia a fim de instrumentalizar o pesquisador na discussão do enfoque escolhido. Isto porque todo o etnólogo só pode enxergar aquilo que está preparado para ver, quando está familiarizado com as teorias correntes podendo, por meio delas, adotar um ponto de vista.

Além disso, segundo Laplantine, a antropologia é o estudo do social em condições históricas e culturais determinadas, já que a própria observação nunca é efetuada em qualquer momento e por qualquer pessoa. A distância da participação etnográfica depende do contexto social no qual se exerce a prática (determinada época e sociedade que vive o pesquisador). O etnólogo não deve esquecer as condições de produção do seu discurso (1988).

Não existe uma neutralidade absoluta, o etnólogo simplesmente não pode eliminar as marcas de sua implicação pessoal no seu objeto de estudo porque isto o levará a uma prática insuficiente. O que se deve levar em consideração é a totalidade do estudo, é supor a integração do observador no próprio campo de observação. Nunca se é possível observar comportamentos de grupos tais como se dariam se não existisse um observador ou como se existissem outros observadores.

Esse estudo será realizado com o ponto de vista daqueles etnólogos que foram para o campo de observação, mas a escolha de pontos de vista e do que chama a atenção para o estudo das torcidas, isto é, a montagem do trabalho e a seleção dos conteúdos está sendo feita por quem vos fala, com o ponto de vista desta pesquisadora. Por isso a importância do estudo sobre os princípios da sociedade e dos valores do qual faço parte.

Assim, uma verdadeira antropologia científica deve sempre colocar o problema das motivações extracientíficas do observador e da natureza da interação em jogo. Esta é a ciência dos observadores capazes de observarem a si próprios visando a que uma interação se torne o mais consciente possível.

É nos rituais de uma torcida de futebol que encontramos todos os tipos de classe social e um número relevante da população brasileira. Ensaiar o seu comportamento sob os diferentes enfoques da antropologia, sem esquecer das condições de produção do pesquisador, é buscar entender alguns aspectos da cultura e da sociedade brasileira importantes na revelação da condição humana. E a importância de analisá-lo sob diferentes enfoques é uma forma de compreender que a realidade é muito mais abrangente do que um simples estudo pode apreender e que estes enfoques possuem limitações. Este entendimento será mais completo e os pontos de vista aqui presentes questionados, após uma pesquisa de campo.

Segundo Laplantine, o mecanismo que ocorre é o da perplexidade provocada pelo encontro das culturas que vai levar a uma modificação do *olhar* que se tinha sobre si mesmo, ou seja, o fato do pesquisador ser preso a uma única cultura torna-o cego para as outras e praticamente míope para a sua própria. A experiência de ver como um todo descobrindo algo novo vai levar o pesquisador a *ver* aquilo que nem conseguiria ter imaginado pelo fato de se fixar sempre no que é habitual, familiar ou evidente para ele. Aos poucos, nota que o menor de seus comportamentos não tem realmente nada de natural e se surpreende com aquilo que diz respeito a si mesmo, à sua cultura (1988). O conhecimento de sua própria cultura passa pelo conhecimento de outras culturas e esta é a maior importância deste estudo: conhecer faces da cultura ocidental, capitalista e brasileira com o auxílio do estudo da cultura das torcidas organizadas.

É claro que este estudo visa um primeiro entendimento à luz da literatura para instrumentalizar uma futura pesquisa de campo qualificada nesta área. Segundo BEATTIE, 1971:

“Quer gostemos ou não, a antropologia social tornou-se um assunto especializado. Tem seu próprio equipamento teórico,..., e atualmente tem um considerável corpo de material comparativo sobre o qual trabalha. Ninguém que escreva sobre instituições sociais de uma comunidade de pequena escala sem conhecer nada sobre teoria contemporânea na antropologia social e sem algum conhecimento das instituições sociais e culturais de sociedades comparáveis de qualquer lugar, pode esperar produzir uma descrição cientificamente adequada. Pois não pode saber quais são os fatos mais importantes a buscar, as questões mais úteis a indagar sobre eles, ou as melhores técnicas para conseguir as respostas. Nos tempo vitorianos não havia tal corpus da teoria sociológica e etnografia comparativa; assim, dificilmente havia qualquer diferença entre o profissional e o amador. Mas, atualmente, quem quer que deseje contribuir significativamente para o desenvolvimento de um corpo de conhecimentos sobre as instituições sociais e culturais, ..., precisa adquirir pelo menos algum treino teórico na antropologia social”.

Isto porque, segundo Bela Feldman-Bianco, existe uma interrelação constante entre teoria antropológica e pesquisa de campo que se manifesta na medida em que a pesquisa de campo testa teorias baseadas em fatos já conhecidos e assim, pode trazer à tona fatos inteiramente novos. Ou seja, o corpo teórico já existente possibilita ao pesquisador prever, ao menos, o contorno dos principais tipos de sociedade, sua estrutura e configuração institucional, bem como os problemas que provavelmente apresentam e ainda permitem vislumbrar possibilidades teóricas que a pesquisa de campo tem ainda de descobrir ou confirmar.

A seguir serão apresentados os principais objetivos da pesquisa que foram elaborados com base na formulação do problema.

1.3 OBJETIVOS

Geral

- Fazer um resgate do referencial teórico da antropologia entendendo os seus diferentes enfoques para uma posterior discussão do material literário que já foi produzido sobre torcidas organizadas ou que poderiam servir para o entendimento desta cultura.

Específicos

- Contrastar o que já foi estudado da cultura e das crenças de um torcedor que refletem num comportamento de: violência / vandalismo, rituais, andar em grupos, alimentar rivalidades e seguir certos regimentos com os principais pressupostos da antropologia a fim de:

1. Descobrir se o comportamento, a participação nessa estrutura é uma necessidade intrínseca de crer em algo e/ou a procura de uma identidade social;
2. Constatar se os fatores sócio-econômicos influenciam na participação em torcidas;
3. Entender essa cultura como parte integrante de nossa sociedade e de que forma se relaciona com ela.

2.0 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 PRESSUPOSTOS ANTROPOLÓGICOS PARA O ESTUDO DAS TORCIDAS

A proposta neste primeiro momento é discutir o termo “comportamento tribal” que foi utilizado como título desta pesquisa a fim de introduzir alguns pressupostos básicos que vão permear este trabalho.

Este termo traz implícita a questão da mentalidade primitiva, isto é, para um leigo, um comportamento tribal remete a uma mentalidade primitiva de certa sociedade. Segundo Evans Pritchard, tudo o que integra a expressão “mentalidade primitiva”, ou o que, para o erudito europeu, parece irracional e supersticioso (1978).

O pesquisador que não está familiarizado com as teorias antropológicas tende a reduzir demais o campo de visão da antropologia sem enxergar suas limitações: como classificar a cultura de outros segmentos da sociedade com o olhar e ideologias de sua própria cultura (evolucionismo); apresentar as sociedades tradicionais como estáveis e sem conflitos visando a um equilíbrio através das instituições (que tem a função de satisfazer as necessidades dos homens já que as sociedades são apenas sistemas naturais que devem ser estudados segundo os métodos comprovados pela ciência da natureza e servem para satisfazer o homem: funcionalismo com Radcliffe-Brown 1968)¹; tratar as sociedades somente como sistemas simbólicos e a antropologia deve ser considerada uma “arte” (Antropologia Simbólica); negar a história como matéria complementar da antropologia a tomando como desnecessária no estudo das estruturas (Leach). Sobre algumas destas teorias, explica DA MATTA, 2000, p.106:

“Na história da antropologia social existem, portanto, como que duas vertentes analíticas claramente visíveis. A primeira está representada pelo evolucionismo, onde existe uma perspectiva totalizadora, uma sociedade tomada sempre como ponto de referência indiscutível e uma teoria histórica que permite alinhar todos os costumes em termos de valores muito importantes ao sistema ocidental. O segundo paradigma, representado pelo funcionalismo cristalizado com Malinowski, mostra uma tendência oposta. Aqui se trata de desenvolver uma visão parcial, mas extremamente acurada da operação das sociedades humanas. Se o evolucionismo tem por um lado a vantagem de possuir uma posição globalizadora, não perdendo de vista os costumes de toda a humanidade, por outro ele tem a desvantagem de não poder perceber as forças concretas que movem os sistemas sociais não familiares ao observador, o qual tende a interpretá-los projetando neles os seus próprios valores”.

¹ Levi Strauss substituiu um modelo lingüístico e mostrou que trabalhando no ponto de encontro da natureza (o inato) e da cultura (tudo o que não é hereditariamente programado e que deve ser inventado pelos homens, a natureza não programou nada).

Segundo Laplantine, a primeira forma de comparatismo – o evolucionismo – ordena os fatos colhidos dentro de um discurso que se apresenta como histórico (Frazer). Naquele tempo, as pesquisas não eram de campo e as extrapolações e generalizações destes pesquisadores-eruditos vão sendo tão abusivas, tanto que praticamente toda a geração posterior de pesquisadores (Boas e Malinowski) irá adotar uma posição totalmente anticomparativa: não se tratava mais de comparar as sociedades entre si, mas de mostrar como se realiza a integração das diferentes funções em jogo em uma mesma sociedade. A antropologia contemporânea é tão comparativa como a do passado, mas com métodos e objetos diferentes. Hoje compara costumes, comportamentos, instituições não mais isolados de seu contexto. Compara sistemas de relações (1988).

Partindo do estudo destas teorias, a forma que foi buscada para entender as torcidas é que elas formam um segmento da sociedade particular inserida em uma sociedade global e ocidental. Isto porque, segundo Shapiro, nenhuma sociedade é completamente homogênea, existem subgrupos internos cada qual com suas características internas de comportamento as quais se aplicam apenas aos seus membros. Estas são chamadas de normas específicas (1966). Essa diferenciação interna é causada por aspectos da cultura global (normas, comportamentos) que se relacionam a outros aspectos de cultura diferenciada própria desta parcela de sociedade. Por isso, para buscar apreender um fenômeno em sua multiplicidade de dimensões é necessário também relacioná-lo à sociedade global a qual se insere e dentro da qual constitui um sistema complexo.

Antes de compreender como se pode dar a relação da sociedade global com a particular, cabe aqui esclarecer que cada pólo metodológico (ou teoria) da antropologia encara o conceito de sociedade de uma forma diferente. Assim, para a antropologia simbólica e cultural, a sociedade é constituída com base em valores e códigos de comportamento que independem de sua projeção num espaço. Para a dinâmica, refere-se ao complexo de relações interpessoais institucionalizadas que mantém os indivíduos unidos ou a algum aspecto deste complexo. Estas duas tendências procuraram desenvolver instrumentais de pesquisa, segundo Feldman-Bianco, capazes de captar o conflito, a contradição, a variação e o fluxo social, através de um enfoque que privilegia o estudo microscópico dos chamados “interstícios sociais”. Assim, em qualquer sociedade, o indivíduo terá por vezes que

optar entre várias normas que se contradizem e viver com estas incongruências através da manipulação de normas, de forma que os indivíduos possam continuar a viver juntos numa ordem social (1987). Para a funcionalista, as sociedades são semelhantes a organismos que possuem “necessidades” (Durkheim), ou a um nível mais sofisticado, “condições necessárias de existência” (Radcliffe-Brown). Esta tendência, assim como a estruturalista, dá importância funcional aos valores morais, para a manutenção do equilíbrio da sociedade e da ordem social, segundo Feldman-Bianco. Um exemplo disto é a análise da evolução da cultura feita por Shapiro que já explica que a cultura se renova quando novos elementos podem ser adotados mesmo sendo incoerentes em relação a princípios já existentes por parecerem desejáveis e atenderem satisfatoriamente a certas necessidades (1966). Os indivíduos seguem normas ideais de comportamento e os desvios comportamentais são ignorados ou considerados exceções. E para finalizar, a antropologia evolucionista considera uma sociedade moderna como sendo uma civilização (sociedade volumosa e dividida dentro dela mesma com uma população ampla, diversificada, dividida em ocupações especializadas, tendo diferentes interesses nos meios de poder e considerando que todas as realizações culturais dependem desta complexa organização).

Percebe-se, deste modo, que cada estudo tem um foco diferente. No próximo capítulo os pólos serão melhor esclarecidos e será possível um entendimento das torcidas pelos diferentes enfoques.

Entendendo a relação da sociedade global com a cultura das torcidas, sob um enfoque da antropologia simbólica e cultural (Da Matta utiliza-se de um modelo metodológico culturalista e simbólico), a sociedade global é vista, a princípio com um mínimo de coerência interna. Coerência esta que não significa uma ausência de conflitos, de contradições ou posições diferenciadas. Uma sociedade não existe sem conflitos, eles estão impressos em seu tecido constituído de grupos, regras segmentos, categorias (como as torcidas, a sociedade particular referida acima) e indivíduos que podem ter múltiplos interesses. Existe uma enorme diferença em diagnosticar divergências empiricamente dadas de divergências ideologicamente legitimadas e elaboradas. Um exemplo prático para que se entenda melhor esta diferença e o enfoque antropológico simbólico e cultural será dado por DA MATTA, 2000, p.163:

“Um sociólogo pode assistir a uma disputa mortal entre grupos de uma sociedade e dizer que aquilo é uma guerra causada por fatores econômicos e demográficos; ao passo que os membros da sociedade implicados no conflito podem dizer que a tal “guerra” era apenas um ritual de vingança, destinado a limpar a honra do próprio grupo local ameaçado por seus irmãos de uma outra aldeia. A causa final para a sociedade em estudo, nada tendo a ver com um conflito aberto e violento, mas com o comportamento dos mortos em relação aos vivos e dos membros de duas comunidades que estavam se juntando. (...) Vendo o conflito, já supomos uma familiaridade com ele. Sem transformarmos o familiar em exótico, atribuímos a ele um dado valor, sem nos interessarmos pelos motivos sociais que conduzem os membros daquele sistema”.

Percebe-se que o problema é situar o nível, o grau e a modalidade das divergências e dos conflitos. Deve-se, portanto, atentar às motivações e ideologias daqueles que praticam o costume, crença ou ação. Assim é possível entender o sistema ideológico em estudo, perceber sua tessitura interna, descobrir seus pontos contraditórios e como estes conflitos são vivenciados, justificados e percebidos pelos seus membros, segundo este enfoque.

Outros enfoques relacionam a cultura da sociedade global com a das torcidas de forma diferenciada. No final do estudo alguns aspectos da torcida serão relacionados aos da sociedade global sob diferentes enfoques e estas relações serão melhor esclarecidas. Este exemplo serve para que se tenha idéia de que esta relação normalmente não é negligenciada nos diferentes enfoques e também não a será neste estudo que pretende mostrar justamente estas diversidades.

Para que a perspectiva do estudo seja atendida e para que se possa, posteriormente, entender o porquê da dificuldade que o pesquisador encontra ao realizar uma pesquisa que não negligencia a relação do global com o particular e que busca não classificar uma cultura diversa com termos de uma cultura conhecida e vivida pelo pesquisador, serão feitas algumas definições de certos conceitos que são fundamentais, permeiam o pensamento ocidental e só podem ser entendidos dentro deste conceito da sociedade global. Isto porque, no estudo das torcidas, eles terão que ser revistos e reformulados de acordo com aquela cultura e somente desta forma, poder-se-ão efetuar comparações.

O primeiro conceito fundamental é o de *pessoa*. Conforme o estudo de Geertz, a concepção de pessoa é dada como sendo um universo cognitivo e motivacional, delimitado, único e mais ou menos integrado, um centro dinâmico de percepção, emoção, juízos e ações, organizado em uma unidade distinta e

localizado em uma situação de contraste com relação a outras unidades semelhantes, e com seu ambiente social e natural específico (2002).

Em muitos estudos antropológicos, se percebe erros semânticos à medida que este conceito acaba sendo confundido ao de indivíduo, individualismo e identidade. Isso ocorre porque, segundo Ruth Cardoso, o termo indivíduo carrega duas conotações: por um lado se refere aos seres humanos individualizados, organismos biológicos que são reconhecidos como suporte empírico das sociedades embora elaborados culturalmente de forma diferente em cada uma delas e por outro se refere à noção individualista que permeia a concepção ocidental de pessoa exposta acima (1997).

Nesta pesquisa, será usado o termo *indivíduo* para se referir ao ser humano de forma geral que é culturalmente elaborado, não devendo ser confundido à noção individualista da sociedade ocidental ou a forma como se conceitua a *pessoa* ocidental.

Quanto ao conceito *individualismo*, deve ser entendido num contexto da análise da formação do Estado Moderno e em conexão com as revoluções burguesas. Assim, seu campo de significados inclui o conceito de liberdade política e de igualdade e não apenas remete à cultura ocidental que prega o confronto entre as *pessoas* ocidentais pela defesa de seu espaço. Ao utilizar este termo para contraste com outras culturas, deve-se levar em consideração toda uma cultura ocidental que foi elaborada com base na liberdade política e econômica e na igualdade perante a lei.

E para finalizar o esclarecimento dos conceitos, parte-se para a análise do conceito *identidade*. O maior erro semântico que pode ocorrer é quando o campo de análise deste conceito deixa de ser a oposição entre grupos ou categorias que se enfrentam na sociedade. A identidade passa a ser, assim, uma propriedade do grupo projetada na pessoa e as dimensões psicológicas e culturais são analisadas em detrimento das políticas. O uso deste tipo de análise psicológica e cultural deve ser feito utilizando-se o conceito de *indivíduo* e *pessoa* (de acordo com cada cultura) e não o de *identidade* (por trazer consigo uma concepção política).

A primeira condição para a realização da pesquisa foi um estudo das teorias antropológicas, sem as quais se estaria passível de formular teorias equivocadas por não mostrar suas limitações e aceitando-as como únicas verdades. Esta será

posteriormente aprofundada para melhor compreensão do leitor. O segundo perigo para o descrédito da pesquisa era recorrer a deslizamentos semânticos. Mas, já tomados os devidos cuidados conceituais, propõe-se retomar a discussão para que se entenda uma das maiores dificuldades que encontra o pesquisador quando deseja estudar culturalmente uma sociedade diferente ou inserida na sua própria, partindo do paradoxo, isto é, segundo Laplantine, nem somente do ponto de vista do observador ou do observado e sim do encontro de dois discursos, discursando sobre a diferença, baseado em uma prática que trabalha sobre limites e fronteiras (1988): isto implica em levar em consideração também o olhar do pesquisado e a questão do senso comum, não considerada por autores da antropologia social.

Segundo GEERTZ , 2002, p.21:

“ (...) o senso comum é um sistema cultural; um corpo de crenças e juízos, com conexões vagas, porém mais fortes que uma simples relação de pensamentos inevitavelmente iguais para todos os membros de um grupo que vive em comunidade. (...) o senso comum relaciona-se mais com a forma como se lida com um mundo onde determinadas coisas acontecem do que com o mero reconhecimento de que elas acontecem. (...) E assim, como devoção ou legalismo (ou ética ou cosmologia), esta disposição difere de um lugar para o outro, adotando, no entanto, uma forma local característica”.

O senso comum é formado, assim, por uma teia de conceitos que são considerados realmente verdadeiros, sendo sua legitimidade formada através do bom senso de cada sociedade. Mas o que seria este bom senso? Seria aquilo que uma mente repleta de pressuposições conclui dos fatos e não aquilo que uma mente liberta de qualquer artificialismo, crença ou costume é capaz de apreender.

Entender os conceitos do bom senso, segundo a classificação de Geertz, é compreender que eles são naturais, provêm de sua “praticabilidade” e “literalidade” e são de fácil acesso:

São naturais para aqueles que os vivenciam e dependem de como determinada sociedade enxerga o funcionamento das coisas, com sua experiência de vida para comprová-las. Como explica Laplantine, a naturalização do social se opera como se nossos comportamentos estivessem inscritos em nós desde o nascimento e não fossem adquiridos no contato com a cultura na qual nascemos (1988). Ex: para determinadas sociedades é normal matar o filho primogênito caso não seja do sexo masculino.

A “praticabilidade” se dá no conhecimento materialmente útil de cada sociedade. Ex: para quem vive no meio da floresta é útil saber sobre a fauna e flora do local.

A “literalidade” se expressa como a vocação que o bom senso tem de apresentar determinado assunto como se fossem exatamente o que parecem ser, sem mais e nem menos.

E a acessibilidade é simplesmente a presunção, de que qualquer indivíduo, com suas faculdades razoavelmente intactas, pode captar as conclusões do bom senso, e, se estas forem apresentadas de uma maneira suficientemente verossímil, até mesmo adotá-las.

Sendo comum, o bom senso está aberto para todos e é propriedade geral de pelo menos todos os cidadãos estáveis de certa sociedade. O antropólogo tem a missão de estudar o senso comum da sociedade ou parcela da sociedade em questão sem utilizar o seu senso comum, construído em sua sociedade, exceto para efetuar comparações ou tornar explícita a sua dificuldade no trabalho.

A primeira dificuldade do pesquisador está em treinar a sua mente e procurar não pressupor nada com base em seus costumes. Feito isso, precisa-se compreender que as coisas que parecem ser evidentes num estudo de outra sociedade, num primeiro momento, só são evidentes aos olhos de quem as vive. E num terceiro momento, compreender que, sendo o bom senso um sistema cultural único, não se pode estudá-lo fazendo sistematizações de seu conteúdo (por ser este heterogêneo não só nas sociedades como em uma mesma sociedade) ou qualquer estrutura lógica que seria adotada pelo senso comum (pois é ele quem imprime qualidades aos objetos), ou ainda chegar a conclusões definitivas sobre as quais o senso comum sempre faz chegar (não existe um padrão).

O único procedimento que resta é o de tomar o desvio específico de evocar o som e os vários tons que são geralmente reconhecidos como pertencentes ao senso comum para lembrar às pessoas aquilo que já sabem, é se surpreender com aquilo que é mais familiar e que se vive cotidianamente na sociedade em que se nasce e em tornar mais familiar aquilo que se é estranho, como conhecimentos e cultura de sociedades que se desconhece. Num segundo momento após o tempo de impregnação, um tempo de distância é necessário ao pesquisador para que possa ser sintetizada uma visão tanto de dentro da sociedade, isto é, como os atores sociais a enxergam, como fora dela para que se compreendam as lógicas que

escapam inclusive aos atores sociais. Isto porque, segundo John Beattie, os pesquisadores que estudam relações sociais lidam tanto com aquilo que “realmente acontece” quanto com aquilo que as pessoas pensam sobre o que acontece: o que elas acreditam serem as coisas e o que elas acreditam que deveriam ser (1971).

Para entender esta problemática, Laplantine (1988) explica que o antropólogo, enfim, atua por meio de uma tensão quando estuda os sistemas de representações e valores: não pode ser ao mesmo tempo ele mesmo e um outro, e, no entanto, para ser totalmente ele, deve também sair de si a fim de apreender uma figura recalcada, mas possível de si. Não pode situar-se simultaneamente dentro e fora de sua sociedade, e, no entanto, para compreender a sua sociedade no que nunca diz dela mesma porque não o percebe, deve fazer a experiência de um descentramento radical. E o autor ainda complementa:

“Encontramos no conjunto do campo antropológico um certo número de tensões importantes, opondo a universalidade e as diferenças, a compreensão ‘por dentro’ e a compreensão ‘por fora’, o ponto de vista do mesmo e o ponto de vista dos outros... Mas estas tensões são verdadeiramente constitutivas da própria prática da antropologia. Esta última só começa a existir a partir do momento em que o pesquisador se entrega a um confronto entre esses diversos termos, vive dentro de si estas tensões, esforça-se em pensá-las e dar conta delas. Correlativamente, parece-me que a antropologia tem todas as chances de engajar-se em um impasse, em um desvio em relação ao modo de conhecimento que persegue toda vez que um dos pólos em questão domina o outro”.

Estas são dificuldades que o antropólogo culturalista e simbólico costuma ter por tornar o senso comum tão importante e justificar isto (como foi feito acima) para a sua pesquisa. E será uma dificuldade encontrada aqui, já que as várias teorias serão abordadas. Mas atualmente, qual é a mais comum em se tratando de sociedade?

A tendência atual não é mais representar a sociedade como uma máquina ou um quase organismo (Radcliffe-Brown), como foi descrito acima com a explicação do funcionalismo, e sim interpretá-la como um jogo sério, um drama de rua (Da Matta) ou um texto sobre comportamento (Margareth Mead). Aqui se pretende mostrar o ritual do torcer sob diversos enfoques como, por exemplo, à estrutura de um drama social: ânsia do torcedor, conflito com torcida adversária, crise (a briga que pode levar à tragédia), ritual de autoridade feita pela repressão do Estado (polícia), estabelecimento da ordem. Mas, pretende-se também mostrar as limitações para estes enfoques. No exemplo, estas limitações estão no fato de que a abordagem

dramática é muito abrangente e pode ser utilizada para vários temas, para qualquer tipo de caso. Assuntos diferentes se tornam homogêneos e esta limitação cabe aos três tipos acima citados de abordagem.

Fazendo desta forma, buscam-se informações sobre a sociedade estudada da forma mais completa possível já que cada enfoque privilegia um aspecto (poderá ser visto mais adiante quais são os cinco pólos nos quais a antropologia oscila constantemente e nos quais este estudo também oscilará).

O que se deve pretender numa pesquisa de campo é ir mais a fundo e descobrir que ideologia leva o torcedor a brigar nas ruas e se o que ele está fazendo é realmente brigando (este é o ponto de vista do pesquisador de acordo com sua cultura). Este estudo será proposto após a realização deste primeiro que serve para embasar teoricamente o pesquisador na área de seu estudo e sem o qual a pesquisa de campo toma um caráter amador.

O estudo interpretativo da cultura, portanto, é um esforço para aceitar a diversidade entre as várias maneiras que o ser humano tem de construir sua vida e no processo de vivê-la. É ainda, a capacidade de enxergar a nós mesmos como os outros nos enxergam e aceitar que somos apenas mais um exemplo da forma que a vida humana adotou em um determinado lugar, um caso entre outros. E é também entender que qualquer ritual específico dramatiza algumas questões e se cala sobre outras. Como explica DA MATTA, 2000, p.51:

“Daí também a distinção entre sociedade e cultura como dois segmentos importantes da realidade humana: o primeiro indicando conjuntos de ações padronizadas; o segundo expressando valores e ideologias que fazem parte da outra ponta da realidade social (a cultura). Uma se reflete na outra, uma é o espelho da outra, mas nunca uma pode reproduzir integralmente a outra”.

Realizada toda esta discussão, chega-se à conclusão de que o termo “comportamento tribal” seria indevidamente utilizado se o objetivo fosse classificar o comportamento das torcidas organizadas. O que se estaria realizando seria uma comparação daquilo que é visível para o pesquisador com próprio bom senso da sociedade da qual ele provém (que trata as brigas de rua, a exaltação dos ânimos como uma transgressão às normas do bom convívio social).

O objetivo da utilização do termo “tribal” foi chamar a atenção para a discussão que aqui foi realizada. Feitos estes esclarecimentos de alguns pressupostos antropológicos que vão balizar a pesquisa, serão apresentados os cinco pólos em torno dos quais a antropologia oscila constantemente porque é a partir destas visões que surgirá um ensaio, uma tentativa de explicação do comportamento das torcidas organizadas à luz da teoria.

2.2 APRESENTAÇÃO DOS CINCO PÓLOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS DA ANTROPOLOGIA

O objeto da antropologia é tão complexo que não podia dotar-se de um único modo de acesso. Segundo Laplantine, o estudo do social tende a apreender o homem em termos de regras e conflitos, mas também pode ser conduzido a partir de funções e normas (Durkheim, Malinowski), de sentido e sistema (Griaule, Levi – Strauss) entre outros.

Serão revisadas, através do que relata Felix Keesing, inicialmente as principais correntes de teoria na Antropologia Social que caracterizam o nascimento da Antropologia enquanto ciência para, em seguida, apresentar os cinco principais pólos teórico-metodológicos que modernamente são utilizados nas pesquisas antropológicas.

Quando a primeira teoria antropológica tomou forma, o seu grande objetivo era estabelecer grandes leis como as que constituíam marcos em outras ciências: a lei de ARQUIMEDES, a lei de NEWTON, a lei da hereditariedade de MENDEL. Os pensadores dos princípios do séc. XIX buscaram alguma seqüência que pudesse explicar o panorama humano. Pela década de 1860, essas teorias se canalizavam quase todas em uma estruturação evolucionária. Os estudiosos aplicavam por analogia à cultura e à sociedade a mesma linha geral de pensamento que Darwin havia postulado para a evolução orgânica e aparentemente se apresentava uma grande lei que poderia explicar todo o desenvolvimento do costume. Há uma preocupação com origens e estágios. A tendência dos organismos culturais ou sociais é ascendente, do simples para o complexo ou heterogêneo. A grande estruturação de estágios é tríplice: selvageria, barbarismo e civilização. Os principais teóricos desta escola eram os cientistas de gabinete com pouco contato em primeira mão em trabalho de campo, como Tylor, James Frazer. Esse ponto de vista quase

não leva em conta os fatos específicos referentes a culturas como sistemas regionais ou conjuntos locais além de empregar um método comparativo grosseiro para localizar e extrair supostas “sobrevivências” dos modernos acervos de costumes em todo o mundo para em seguida ordená-los em uma seqüência de “estágios” regressivamente até as origens. Assim, todos os grupos humanos teriam o mesmo potencial para se desenvolver embora alguns estivessem mais adiantados que outros devido ao clima, ao solo e outros fatores.

O primeiro ataque às proposições básicas dos evolucionistas foi feito por Franz Boas que promoveu um método histórico. Este não se baseava em mero estudo do passado, pois focaliza a atenção sobre objetos e acontecimentos singulares no tempo e no espaço tratando os objetos culturais conforme existiram e ainda podem existir registrando a sua história cronológica e espacial. Assim, cada cultura representa um desenvolvimento histórico modelado pelo ambiente social e geográfico em que o povo em causa se acha situado e pela maneira com que este povo desenvolve o material cultural que cai em sua posse vindo de fora ou nascido de sua própria inventiva. Este método acentuou a identificação dos elementos componentes da cultura através de observação objetiva e trabalho de campo além de impor normas críticas para a reconstituição da história: determinar quando possível os eventos reais de invenção e difusão para substituir o hábito evolucionário de juntar fragmentos de comportamento cultural do mundo inteiro para formar uma seqüência. O método histórico dominou a Antropologia Cultural durante as três primeiras décadas do século XX.

Os estudiosos europeus não tardaram a utilizar a orientação histórica em tentativas de uma reconstituição total da história cultural do mundo, como anteriormente fizeram os evolucionistas. As escolas que deram destaque a este ponto de vista foram chamadas difusionistas. Se bem que isso lembre um pouco os esquemas da evolução cultural, os expoentes dessa escola insistiam na historicidade do método. Os críticos, porém, têm mostrado que os círculos de cultura eram compostos generalizados e que não se fez nenhuma tentativa séria de mostrar como eles se originaram, como e onde existiram como entidades do passado e como se teriam difundido por áreas tão separadas. Esta orientação, assim como a evolucionista, é hoje considerada inadequada.

Modernamente, é possível localizar cinco pólos em torno dos quais a antropologia oscila constantemente:

Antropologia social

É um eixo da pesquisa que não se interessa diretamente para as maneiras de pensar, conhecer, sentir, expressar-se, em si e mais para a organização interna dos grupos, a partir da qual podem ser estudados o pensamento, o conhecimento, a emoção, a linguagem. Laplantine já define o *social* como sendo a totalidade das relações que os grupos mantêm entre si dentro de um mesmo conjunto (nação, etnia,...) e para com outros conjuntos também hierarquizados (1988).

A perspectiva preponderante, portanto, é a de função, no sentido de que todas as partes de um sistema, de acordo com Keesing, fazem alguma coisa ou têm uma função significativa em relação ao todo. Como função, entende-se, segundo Malinowsky, o atendimento de uma necessidade através de uma dinâmica em que os seres humanos cooperam, utilizam artefatos e consomem bens e para que tudo isso ocorra é necessária organização (1997). É, portanto, o estudo das instituições (caracteriza a organização humana) e não da intenção daqueles que as criam ou do comportamento do ser humano. Os antropólogos sociais modernos preocupam-se com o estudo das instituições sociais e atribuem às relações sociais e crenças, valores dos indivíduos como resultados da construção delas. E mais: acreditam que as relações sociais não podem ser adequadamente descritas sem referência a estas expectativas, intenções e valores que expressam ou encerra. Este processo se instaurou com o estudo das normas das instituições sociais e teve como representantes potenciais Malinowski e Durkheim.

Segundo Jonh Beattie, a principal importância da antropologia funcional para os modernos pesquisadores é que ela fornece hipóteses sobre as possíveis interconexões entre as instituições, e quando estas são estabelecidas, permitem explicações razoavelmente adequadas e satisfatórias ao nível da “ação”. Em grande medida, o maior número destas interconexões estão implícitas na mente das pessoas estudadas (1971).

Os funcionalistas costumam tratar como matéria-prima de seus estudos o que se chama de etnografia (descrições diretas da cultura e vida social das comunidades humanas de qualquer ponto de vista que sejam observadas) e considerar a etnologia (descrições sobre a origem dos aspectos da cultura em questão que podem ajudar a esclarecer seu uso ou significado atual) como uma disciplina distinta da antropologia, não tendo caráter histórico e difusional, negligenciando a forma e

dando ênfase à função. Uma mudança social ocorre apenas quando criadas novas necessidades. As motivações biológicas e culturais não são levadas em consideração.

Desta forma, se perguntaria qual a finalidade de tal instituição, para que serve tal costume, a que classe social pertence aquele que tem tal discurso e qual é o nível de integração dessa classe na sociedade global. O mais comum é que se mescle o modelo funcional ao estrutural, como será visto adiante.

Antropologia estrutural e sistêmica

Aqui, existem várias correntes do pensamento antropológico representadas pelos seguintes modelos: psicanalítico, baseado no que Foucault designa como o campo epistemológico da economia, lingüístico, matemático, cibernético. Independentemente do modelo, todos realizam uma passagem do consciente para o inconsciente, da função para a norma (Roheim), do conflito para a regra (Mauss), do sentido para o sistema (Lévi-Strauss). As culturas são, desta forma, tratadas em um nível que não é mais dado e sim construído: o do sistema. Não se trata mais de estudar tal aspecto da sociedade em si, relacionando-o ao conjunto de relações sociais (antropologia social) e muito menos tal cultura particular na lógica que lhe é própria (antropologia cultural, mas também simbólica); trata-se de estudar a lógica da cultura, isto é, além da variedade das culturas e organizações sociais, procura-se explicar como a cultura varia, compreender o que o homem diz e inventa como produções do espírito humano que se elaboram sem que se tenha consciência disso, como as estruturas são formadas, sua possibilidade de classificação e comparação com outras. A ênfase é dada à morfologia social e variações individuais eram negligenciadas em favor da regularidade estrutural. Assim, as perguntas que se colocarão serão sobre quais são as estruturas inconscientes do espírito que atuam no mito, nos símbolos ou nas formas complexas das hierarquias. Segundo Jonh Beattie, um modelo construído desta maneira pode ser totalmente ininteligível aos membros da sociedade interessada, pois eles podem não ser capazes ou não estarem interessados em formular os tipos de questões que o antropólogo levanta.

Segundo Feldman-Bianco, ao mesclar o modelo funcional ao estrutural formando um modelo funcionalista-estrutural, percebe-se que este tem algumas limitações já que descreve, enfim, como é a estrutura social, como está mantida, e como as várias instituições se interrelacionam formando um sistema de relações

sociais para depois demonstrar como o sistema de valores serve de apoio a essa estrutura. O comportamento que não está enquadrado com a imagem normativa ou é considerado como desvio ou ignorado. Assim, só é considerada a forma do antropólogo pensar e a forma que o sistema deveria funcionar, um sistema ideal. O comportamento é explicado em termos do sistema e pode ser previsto desde que o pesquisador tenha delineado as normas do comportamento, bem como os valores e sanções subjacentes a essas normas. Um legado deixado por este modelo foi o fracasso em lidar com a mudança social, estuda-se o *status quo* e explica-se a sociedade em termos deste status sendo que raramente se pretende estudar a origem ou o desenvolvimento das instituições. Assim, se pergunta a quais grupos as pessoas pertencem, quais as relações duradouras de papéis sociais que derivam desses grupos, quais normas guiam o desempenho destes papéis sociais e que parâmetros morais sustentam as normas.

Antropologia simbólica

Trata-se da compreensão do objeto que se pretende estudar do ponto de vista do sentido. Todo comportamento cultural seria, portanto, simbólico. Segundo Victor Turner, as regularidades observadas na análise dos dados numéricos (formando uma estrutura) só se tornam inteligíveis à luz de valores encarnados se expressos em símbolos nas cerimônias rituais. Somente quando o caminho simbólico do desconhecido para o conhecido estiver completo é que se pode olhar a estrutura e compreender a sua forma final (1974). Este estudo vai além das interrelações funcionais das partes de uma cultura para entrar na investigação e caracterização das culturas como todos. Segundo Keesing, esta orientação também é conhecida como configuracionismo, tratamento psicológico ou tipológico do comportamento cultural: as premissas, os valores e os objetivos são expressos verbalmente e conscientemente em leis, mitos, filosofias e outros veículos. Valores são tendências à ação efetivamente (emocionalmente) carregadas que envolvem preferências e muitas vezes escolha consciente entre alternativas. As orientações de valor explícitas e implícitas em um sistema cultural compõem o seu sistema de valor (1972). Assim, se perguntaria o que significam as instituições ou os comportamentos que encontramos em tal sociedade, ou ainda o que se pode dizer a respeito daquilo que uma sociedade expressa através da lógica de seus discursos.

Antropologia cultural

Possui caráter empírico e se situa mais ao lado da função e sentido do que da norma e do sistema. Esta antropologia não pode ser tomada como simples estudo da cultura, pois cada pólo antropológico encara a cultura de uma maneira diferente e a insere em seus estudos de acordo com seus pressupostos. Para que fique mais claro, será explicado como a cultura é vista por cada segmento antropológico:

Edward Tylor, no final do século XVIII, definiu cultura como sendo todo o complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade. Esta posição marcava o caráter de aprendizado da cultura em contraposição à idéia de aquisição inata transmitida por mecanismos biológicos. Esta era a época em que o trabalho de Darwin estava em alta com a lei do evolucionismo linear. Assim, Tylor ainda demonstra que a cultura pode ser objeto de estudos sistemáticos já que possui regularidades e propicia a formulação de leis evolucionistas.

Keesing refere-se inicialmente às teorias que consideram a cultura como um sistema adaptativo difundida por neo-evolucionistas como Leslie White, Sahlins e Harris. A cultura seria um sistema (de padrões de comportamento socialmente transmitidos) que servem para adaptar as comunidades humanas aos seus embasamentos biológicos. Os componentes ideológicos dos sistemas culturais podem ter conseqüências adaptativas no controle da população, da subsistência, etc.

Em segundo lugar, às teorias idealistas de cultura que subdivide em três abordagens: Cultura como sistema cognitivo: análise dos modelos construídos pelos membros da comunidade a respeito de seu próprio universo; Cultura como sistemas estruturais: é uma criação acumulativa da mente humana e o trabalho do antropólogo é descobrir na estruturação dos domínios culturais – mito, arte, parentesco e linguagem – os princípios da mente que geram estas elaborações culturais; Cultura como sistemas simbólicos: Defendida por Geertz que busca uma definição de homem baseada na definição de cultura. A cultura não seria um complexo de comportamentos concretos, mas um conjunto de mecanismos de controle para governar o comportamento e estudá-la é entender um código de símbolos partilhados pelos membros dessa cultura.

Deste modo, atualmente encontramos as seguintes definições para o termo cultura: 1. o modo de vida global de um povo (evolucionismo e alguns precedentes), 2. o legado social que o indivíduo adquire de seu grupo (1 e 2 antropologia social, cultural e dinâmica), 3. uma forma de pensar, sentir e acreditar (antropologia que realça importância do significado do comportamento para o próprio público estudado, como a antropologia simbólica, dinâmica e cultural), 4. uma abstração do comportamento (antropologia simbólica), 5. uma teoria elaborada pelo antropólogo sobre a forma pela qual um grupo de pessoas se comporta realmente (antropologia social, funcionalista e estruturalista), 6. um celeiro de aprendizagem em comum, 7. um conjunto de ações padronizadas para os problemas recorrentes (antropologia cultural), 8. comportamento aprendido (antropologia cultural e psicológica), 9. um mecanismo para a regulamentação normativa do comportamento (antropologia funcionalista, estruturalista e cultural), 10. um conjunto de técnicas para se ajustar tanto ao ambiente externo como em relação aos outros homens (antropologia cultural), 11. um precipitado da história (antropologia evolucionista), 12. um todo indiviso, composto por instituições em parte autônomas e em parte associadas que deve a sua plenitude e auto-suficiência à satisfação de todas as necessidades do homem (antropologia funcionalista).

Assim entendida, a antropologia cultural abrange um grande campo que inclui praticamente todos os aspectos não-biológicos da vida humana sendo que a antropologia social com seus estudos sobre as instituições sociais e os valores dos homens (estados mentais e não “coisas” ou padrões de comportamento, embora sejam inferidos destes padrões de comportamento verbal ou qualquer outro) ocupa somente uma parte desta gama. Cada pólo possui uma concepção de cultura, porém este pólo a prioriza frente a outras questões e não a considera resultado das normas (como a funcionalista) e sim geradora das normas e estruturas. Geertz, clássico autor culturalista, afirma que se deve atentar ao estudo do comportamento, pois este pode oferecer pistas para se identificarem os sistemas simbólicos como parte constituinte da análise dos processos sociais - aqui, o principal em uma análise antropológica é entender como os sistemas simbólicos (o senso comum do povo estudado) se relacionam aos acontecimentos sociais. O que em comum defendem é que a cultura é responsável pela padronização dos comportamentos. Por abranger um campo amplo, atualmente a antropologia cultural está se esfacelando em campos especializados.

É claro que uma sociedade abarca vários grupos diferentes cada qual com suas culturas particulares. O que Da Matta apresenta é a sociedade como um conjunto de ações padronizadas comuns aos vários grupos enquanto pertencentes e adaptados, cada qual a seu modo (transgredindo ou obedecendo as normas) à esta sociedade global. Portanto, o autor explica que uma cultura reflete uma sociedade, assim como esta reflete determinada cultura, mas nunca uma pode reproduzir integralmente a outra.

Este pólo enfoca principalmente a relação entre a natureza e a cultura de um lado (segundo Da Matta, foi respondendo à natureza que o homem modificou-se e assim inventou um plano onde pôde simultaneamente reformular-se, reformulando a própria natureza), e entre as próprias culturas de outro, num processo de continuidade e descontinuidade: alguns autores como Morgan e Devereux, cada um ao seu modo, defendem uma universalidade da cultura num processo de continuidade (uma cultura “primitiva” tende a se tornar “moderna” antropologia evolucionista), já os autores culturalistas privilegiam a descontinuidade, isto é, a coerência interna e a diferença irreduzível de cada cultura. Normalmente é utilizada num modelo biológico, psicológico (como a cultura modela o comportamento dos indivíduos sem que estes percebam), ou ainda, lingüístico englobando a antropologia simbólica (Sapir, 1967).

Antropologia dinâmica

Situa-se no campo sociológico e procura estudar as relações de poder. Reorientou a antropologia social operando primeiramente uma ruptura parcial (teorias ainda a-históricas) através, por exemplo, da “teoria da ação” (tenta combinar a análise da estrutura com os processos sociais defendendo, portanto, a necessidade de observação sistemática do comportamento de indivíduos específicos, suas ações, interações, estratégias e opções alternativas entre normas conflitantes, a partir de parâmetros sociais, isto é, estudar o comportamento que está fora da imagem normativa e não simplesmente ignorá-lo) concebida por discípulos de Malinowski como Firth, Mair, Nadel e ainda, Leach, discípulo de Firth, além de Gluckman, da “teoria dos jogos” (privilegia a análise do conflito e da competição por recursos escassos que faz com que os indivíduos se mobilizem em redes, coalizões, grupos de interesse e facções, fazendo escolhas entre regras conflitantes e manipulando-as em seu próprio benefício) concebida por Boissevain,

caminhando gradualmente para uma ruptura total com o funcionalismo e seus pressupostos a-históricos (sociedades imóveis que podem ser estudadas como se a colonização não existisse) e finalistas (instituições visando satisfazer as necessidades). Para os autores que fizeram a ruptura, como Feldman-Bianco, a história faz parte do campo antropológico e não deve ser dissociada dele. Desta forma, as principais questões colocadas por este pólo são: qual a dinâmica de tal sistema social? De onde vem? Quais são as modalidades atuais de suas transformações?

Estes cinco pólos em torno dos quais se organiza a antropologia contemporânea não tem nada de exclusivo. São tendências de pesquisa que podem coexistir dentro de uma mesma escola de pensamento, ou mesmo de um único pesquisador, o que significa que se mesclam em muitas pesquisas. O objetivo de abordar estes diferentes enfoques para entender o mesmo assunto visa à máxima aproximação possível com a realidade.

Em seguida serão apresentados os três pontos de vista através dos quais o pesquisador pode abordar a realidade e que são utilizados com maior ou menor veemência por determinado pólo metodológico.

2.3 ABORDAGENS ANTROPOLÓGICAS

Os pesquisadores da antropologia, segundo John Beattie, ao realizarem seus estudos, se deparam com dois níveis de realidade: o nível daquilo “que realmente acontece” e o nível do que as pessoas pensam sobre o que acontece. E o que elas pensam sobre o que acontece é, novamente, de dois tipos: o que elas acreditam que sejam as coisas e o que elas acreditam que deveriam ser. Os trabalhos dos antropólogos modernos quase sempre focalizam as relações sociais que descrevem em todos estes três níveis, mas algumas vezes enfatizam mais um nível do que outro e, geralmente, não os distinguem claramente (1971). É importante distinguir-se cada um porque é a partir deles que cada pólo metodológico começa a ser construído. E é isso que será feito neste momento.

O nível do “que realmente acontece” é a cultura descrita pelo pesquisador que é muito diferente da forma através da qual as pessoas percebem a sua própria cultura (de forma parcial e com freqüência não acurada, de acordo com padrões sociológicos). As pessoas reagem com impressões e avaliações, o que causa aquilo

que elas acreditam ser e o que deveria ser. Feldman-Bianco propõe que se usem os termos *endocultura* para descrever a cultura de uma personalidade social ou grupo no sentido de como esta é percebida por essa personalidade ou pelos membros desse grupo e o termo *exocultura* para descrever a cultura de uma personalidade social ou grupo no sentido de como esta é percebida pelos outros membros do mesmo sistema social (como quem não participa de torcidas e o próprio pesquisador).

Acrescenta Bela ainda que as pessoas enquanto unidades sociais não estão conscientes das forças sociológicas e psicológicas que as movem e que um pesquisador “capta” pelo estudo da exocultura. Tendem a não entender os movimentos dos quais fazem parte, e às vezes nem entendem que fazem parte de tal movimento. Mas devem expressar essas forças através de seu comportamento, e quaisquer que sejam as raízes sociológicas de um movimento, o mesmo é formulado em termos da cultura à disposição de seus membros. Portanto, as raízes dos movimentos podem repousar nas profundezas da estrutura social, porém, os movimentos em si aparecem na superfície, em novas configurações existentes, constituindo, em parte, os valores através dos quais os participantes dos movimentos racionalizam as forças e interesses dos quais estão inconscientes (1987). Isto é, as pessoas não têm consciência daquilo que o pesquisador escreve sobre sua cultura, mas manifestam tudo isso em seu comportamento. Este é o paradoxo que ocorre entre endocultura e exocultura.

Sobre a endocultura, Laraia nomeia a divisão em aquilo que realmente acontece de padrões reais de comportamento e o que deveria acontecer de padrões ideais de comportamento. Nem sempre os padrões ideais podem ser efetivados e, neste caso, as pessoas agem diferentemente (esta ação constitui os padrões reais), mas consideram que os seus procedimentos não são exatamente os mais desejados pela sociedade (1993).

Após esta introdução, será feita uma análise sobre como cada pólo metodológico utiliza-se da endo e/ou exocultura para olhar o seu objeto de estudo e como esta visão se encaixa em seus pressupostos. Assim, já serão notadas algumas limitações de cada teoria.

Abordagem funcionalista/estruturalista:

O comportamento deriva da norma e não da relação das pessoas com ela. Esta abordagem é criada partindo somente do ponto de vista do antropólogo, tornando-se muitas vezes ininteligível para o objeto de estudo.

Shapiro já explica que um hábito de massa pode ser chamado norma de comportamento e que esta seria o tipo de comportamento que ocorre com maior frequência (moda) ou pode ser o tipo mais próximo do comum (média) entre as variáveis, ou ainda representar o meio-termo (mediana) entre os pólos extremos do intervalo de variação. Na vida social, estas normas adquirem caráter compulsivo ou normativo. As normas consistem apenas naquilo que é feito (comportamento real) e o normativo ao que deve ser (comportamento ideal). – Notar que o comportamento real e ideal não dependem do ponto de vista das pessoas estudadas, e sim das normas – Padrões de comportamento tornam-se padrões para comportamento. “Os costumes” são as maneiras corretas e os desvios são vistos com desagrado e socialmente desestimulados. – Por este motivo esta teoria ignora os comportamentos desviantes em seus estudos – A conformidade é estimulada e recompensada. Cada novo indivíduo quando nasce ou entra no grupo é submetido ao processo de treinamento ou doutrinação (enculturação). No decorrer da vida, as sanções negativas servem para desencorajar e reprimir os desvios, enquanto as sanções positivas induzem conformidade às normas. Os indivíduos são modelados mais ou menos de maneira uniforme segundo o molde comum.

A coesão de uma sociedade é efeito da proporção relativa entre as normas universais e as normas especiais. Como cada pessoa é simultaneamente indivíduo e membro de grupo, defronta-se com o conflito entre o interesse individual e suas obrigações em relação aos interesses do grupo. Comportamentos individuais que violem os padrões culturais são sancionados negativamente. – Notar a concepção de uma sociedade sempre em equilíbrio pelas normas e sanções.

Como existe uma disparidade entre a cultura real e a cultura ideal, o antropólogo não deve aceitar a palavra das pessoas como evidência de sua cultura real, já que é esta que o pesquisador deve “detectar”. Assim, a forma de pesquisa encontrada é a observação do comportamento dos indivíduos para formular teorias de suas ações. A cada costume e a cada grupo organizado de costumes, tal como um “complexo cultura” ou “instituição”, geralmente se associa um conjunto de idéias coletivas que deve ser percebida através de comportamentos dos sujeitos estudados

e as normas que os regem (1966). – Notar o porquê da ênfase no estudo das instituições sociais e por que somente a visão do antropólogo é válida.

Portanto, já enuncia Malinowsky, que uma instituição como: clube desportivo, uma igreja ou um museu só podem ser compreendidos se o pesquisador estiver familiarizado com as regras legais, técnicas e administrativas que coordenam as atividades dos respectivos membros, já que o estatuto é a idéia da instituição tal como a reconhecem os respectivos membros e como a define a comunidade (1997).

No entanto, as regras ou normas são invariavelmente redigidas de modo a estabelecer o comportamento ideal e a tarefa do antropólogo é justamente comparar este último ao comportamento real dos indivíduos.

Abordagem culturalista/simbólica:

O comportamento e as normas derivam das relações entre as pessoas. A visão do objeto de estudo é muitíssimo valorizada (senso comum é defendido como sendo ponto chave da pesquisa).

Segundo Geertz, a interpretação antropológica consiste em traçar a curva de um discurso social e fixá-lo numa forma inspecionável. O que se escreve é o “pensamento”, o “conteúdo”, a “substância” do falar, é o significado do acontecimento de falar e não o acontecimento como acontecimento.

Assim, existem quatro características da descrição etnográfica: 1. ela é interpretativa e o que interpreta é o fluxo do discurso social; 2. a interpretação envolvida consiste em tentar salvar o “dito” num tal discurso da sua possibilidade de extinguir-se; 3. fixá-lo em formas pesquisáveis; 4. a descrição é microscópica, mas isso não significa que não haja interpretações antropológicas em grande escala, de sociedades inteiras e assim por diante (o objetivo é tirar grandes conclusões a partir de fatos pequenos, mas densamente entrelaçados; apoiar amplas afirmativas sobre o papel da cultura na construção da vida coletiva empenhando-as exatamente em especificações complexas).

A dupla tarefa do pesquisador, portanto, é descobrir as estruturas conceptuais que informam os atos dos sujeitos, o “dito” no discurso social e construir um sistema de análise em cujos termos o que é genérico a essas estruturas, o que pertence a elas porque são o que são, se destacam contra outros determinantes do comportamento humano. O dever da teoria acaba sendo fornecer um vocabulário no qual pode ser expresso o que o ato simbólico tem a dizer sobre ele mesmo, sobre o

papel da cultura na vida humana. Em outras palavras, é tentar manter a análise das formas simbólicas tão estritamente ligadas quanto possível aos acontecimentos sociais e ocasiões concretas e organizá-las de maneira tal que não sejam sufocadas pela ação das normas.

Olhar as dimensões simbólicas da ação social – arte, religião, ideologia, ciência, lei, moralidade, sendo comum – não é afastar-se dos dilemas existenciais da vida em favor de algum domínio empírico de formas não-emocionalizadas (crítica à abordagem funcionalista/estruturalista); é mergulhar no meio delas. A vocação da antropologia interpretativa não é responder às nossas questões mais profundas, mas colocar à disposição as respostas que outros deram (1978) – Notar como a sociedade é baseada em códigos de valores independente do lugar que encontram no espaço, como o estudo histórico não é valorizado e como uma norma pode se modificar na medida em que as relações sociais se modificarem (o comportamento desviante é importante porque é um indício de que a sociedade está começando a ter uma mudança de mentalidade, aqui ele não é ignorado e sim estudado, dando uma dimensão mais real da sociedade em estudo). Ainda, a visão mais valorizada é a da endocultura.

Abordagem dinâmica:

Leva em consideração a visão do antropólogo ao comparar o comportamento real e ideal dos indivíduos estudados. Mas isso utilizando o discurso dos sujeitos da pesquisa e não se baseando somente nas normas como se estas fossem a ilustração do comportamento abstrato. A história entra na medida em que puder auxiliar para o entendimento de aspectos atuais da sociedade em estudo.

Segundo John Beattie, mesmo que não sejam o único interesse do antropólogo social, as relações sociais são abstrações muito complexas do comportamento das pessoas envolvendo um aspecto comportamental “real” e um “ideal” conceptual. Assim, as instituições sociais participam, ao mesmo tempo, de sistemas de ação e de sistemas de idéias. Como constituintes de sistemas de ação elas possuem conseqüências e como sistemas de idéias possuem significados. Os antropólogos sociais usualmente levam em conta estas duas dimensões e é sobre e entre estes dois níveis que definem e analisam estas instituições (1971).

Assim, toda a informação adquirida de informantes deve ser considerada um aspecto do comportamento destas pessoas e estar relacionada com a posição dos

informantes dentro do grupo, bem como seu envolvimento nas ações em questão. Deveriam também estar relacionadas quantitativamente e/ou qualitativamente ao comportamento de outros membros deste grupo em circunstâncias similares. Estas afirmações não devem ser usadas como se fossem objetivas, observações analíticas feitas por “espectadores”.

Os antropólogos muitas vezes caem no erro de não distinguir entre vários tipos de informações e o leitor ignora se as generalizações feitas pelo autor sobre regras e valores são resultados de suas análises acerca dos tipos de comportamento observado ou se são as avaliações do próprio povo estudado. No tópico seguinte será feito o estudo de algumas teorias que podem explicar o comportamento dos torcedores organizados sob o ponto de vista dos diferentes pólos antropológicos (exocultura) ilustrado por depoimentos e materiais bibliográficos selecionados sobre as torcidas (para se ter idéia da endocultura, porque o mais fidedigno é realizar pesquisa de campo para coletar estes dados).

2.4 CONFRONTO ENTRE A VISÃO DO ANTROPÓLOGO E A VISÃO DOS TORCEDORES NO ESTUDO DAS TORCIDAS ORGANIZADAS

Iniciarei com dois breves esclarecimentos antes de adentrar na análise propriamente dita para um melhor entendimento desta. Primeiro esclarecendo que existem duas categorias de torcedores:

- Torcedores comuns: vivificam o futebol de uma maneira mais descomprometida e desfrutam da comunhão estabelecida no instante de cada partida. Não se vinculam associativamente à um grupo de pessoas.
- Torcedores organizados: têm um projeto coletivo de inserção no universo do futebol, o vivenciam como um estilo de vida. Associam-se a um determinado grupo assimilando padrões de comportamento cultuados.

E para finalizar mostrando uma análise sobre o surgimento das torcidas organizadas somente numa visão estruturalista/ funcionalista, pois não encontrei nenhuma análise deste surgimento na visão simbólica e culturalista:

Toledo explica que tudo o que ocorre na sociedade influencia “dentro do campo” e o que muda “dentro do campo” influencia as arquibancadas. Assim, determinadas formas de torcer se tornam possíveis no final dos anos 30 com a

disseminação de técnicas de jogo mais coletivizadas, o que propiciou o surgimento das torcidas organizadas.

Mas o que ocorria na sociedade que influenciou essa disseminação de técnicas coletivizadas? Explico, baseada nos estudos de Pimenta, 1999:

O surgimento da primeira torcida organizada se deu por volta de 1942 (Torcida uniformizada do São Paulo). Período marcado, no plano internacional, pela segunda grande guerra e o nazi-fascismo e, no âmbito nacional, pelo estado centralizador getulista. As técnicas mais coletivizadas são reflexos do idealismo do governo nacional expresso nas medidas centralizadoras e ditatoriais de Getúlio Vargas. Estas primeiras organizações torcedoras tinham seus cargos dirigentes ocupados por setores da elite e o papel que se creditava à elas era a capacidade de integrar, regular e até mesmo evitar a violência nos espetáculos esportivos. Integravam estes agrupamentos, sobretudo jovens da classe média, na sua maioria sócios do próprio clube, a ideologia da época estava alicerçada nas idéias de *raça, nação, ordem e juventude*.

A proliferação das torcidas organizadas colaborou, significativamente, com a maior preocupação de parte das autoridades em manter e regular o comportamento do torcedor, já que houve acirramento da competição dentro dos estádios. Com essas dificuldades, as famílias vão, aos poucos, desaparecendo dos estádios e a cultura juvenil que se originou nos anos 60 vai assumindo esse cenário.

Este modelo de assistência instituído e incrementado por estas torcidas uniformizadas perdurou até os anos 70 quando outra modalidade de participação ganhou significativos espaços e apelo entre os torcedores das camadas populares. Surgem as denominadas *torcidas organizadas*. Segundo Elizabeth Silva, sua diferença com relação às uniformizadas é marcante, primeiro pela ascendência mais popular de seus membros (o Brasil vivia um momento em que as instituições populares estavam sendo valorizadas e o direito político assim como a cidadania cerceados pelo Regime Militar), jovens e adolescentes de famílias de classe média e baixa. Depois a desvinculação com os clubes, agora o que se exalta é o time de futebol e a equipe de jogadores (1999).

Pimenta enfatiza que o resultado da ação dos governos militares para a sociedade gerou: a) um processo de individualização promovido pela competitividade, o que propiciou um distanciamento do homem nas relações sociais inviabilizando a construção de identidades sociais coletivas; b) transformações

políticas e econômicas; c) práticas de violência institucionalizadas no seio dos aparelhos repressivos do Estado; d) o êxodo rural e a aceleração urbana desarticulada contribuindo para o aumento da violência. Nasce neste contexto, as organizações assimilam práticas militares que ainda perduram e fazem de seus confrontos verdadeiras guerrilhas urbanas com o uso de “táticas de guerra”, linguagem militar expressa em: linha de frente, batedores, comando, emboscadas, armadilhas e centralizam o poder de mando para um grupo restrito (1997).

Esta popularização expressou a necessidade, por parte do aparato repressivo, de divisão rigorosa das dependências dos estádios (as arquibancadas), bem como classificou, segregou e repartiu as ruas, trajetos e equipamentos urbanos entre torcidas adversárias, segundo o discurso funcionalista, a fim de minimizar a violência. Esses agrupamentos impuseram alguns padrões de conduta caracterizados em comportamentos regulados, expressividades corporais, uma estética, sinalizações verbais, uma radicalidade esportiva que se generalizaram e hoje ditam parte do comportamento comum dos torcedores de futebol, sobretudo entre os jovens.

Atendendo aos objetivos deste estudo, especificamente neste tópico será feita uma tentativa de resposta às perguntas: De que forma a cultura do torcedor se relaciona com a sociedade global na qual está inserida?; Será a participação nessa estrutura uma necessidade intrínseca de crer em algo e/ou a procura de uma identidade social? e, finalmente, Os fatores sócio-econômicos influenciam na participação em torcidas?

2.41 A cultura como parte integrante da sociedade: de que forma a cultura do torcedor se relaciona com a sociedade global em que está inserida?

Numa visão funcionalista, Laplantine explica, segundo Ruth Benedict, que uma sociedade possui uma cultura devido a uma escolha (processo de seleção cultural e não biológico). É a conhecida teoria do arco cultural: Cada sociedade valoriza um determinado segmento do grande arco de círculo das possibilidades da humanidade, encorajando um certo número de comportamentos em detrimento de outros que se vêem censurados (1988). Assim, todos os membros de certa sociedade compartilham algumas preocupações, inclinações e aversões. Porém, os indivíduos desconhecem o objetivo de suas próprias culturas. As instituições

(principalmente as educativas) são as responsáveis, inconscientemente, por fazer com que os indivíduos se conformem aos valores próprios de cada cultura (1988). Analisando o futebol, os sociólogos que seguem a linha de Durkheim argumentam que o futebol tem a função de manter a ordem social e integrar os indivíduos sem que estes se dêem conta desta função.

Segundo Laraia, constata-se, enfim, que aquilo o que é compartilhado entre os membros de uma cultura não representa a totalidade da cultura, já que a participação do indivíduo é sempre limitada: nenhuma pessoa é capaz de participar de todos os elementos de sua cultura ficando completamente ignorante a respeito destes aspectos. O importante é que o indivíduo participe minimamente na pauta de conhecimento da cultura a fim de permitir sua articulação com os demais membros de sua sociedade (1993). Já nos diz Shapiro que este mínimo é conhecido como norma cultural universal. Estas normas geram os padrões de comportamento.

Muito mais numerosas são as chamadas normas culturais alternativas, ou seja, os padrões que existem onde várias normas diferentes são aplicáveis a uma mesma situação. Há flexibilidade e permissão de escolha dentre certos limites. Isto significa que existem subgrupos internos dentro de uma sociedade cada qual com suas características de comportamento que se aplicam apenas aos seus membros: normas específicas (1966). Um exemplo deste tipo de subgrupo seria os de torcidas organizadas que também diferem entre si e nesta visão de alguma forma se ligam ou trazem padrões de comportamento de um todo social. Assim, o comportamento violento do torcedor é algo reprovável pela sociedade global, mas perfeitamente inteligível e aceitável por quem faz parte desta cultura. Existe uma parcela da sociedade que não participa desta cultura e a condena. Segundo TOLEDO, 2000, p.133:

“No papel de torcedor, o cidadão comum aciona diversos órgãos públicos que passam a agir em função desse novo ator social. A condição de torcedor é única, sem ambigüidades, visível, transparente e encerra uma lógica classificatória. Dias de jogos implicam a divisão das opiniões e preferências e vários níveis. Primeiro, entre aqueles que participam do jogo, os torcedores, e aquele que, por outro lado, apenas toleram ou ignoram o futebol. Segundo, a divisão entre aqueles que torcem pelos times envolvidos na ocasião. Para os que estão fora do jogo, o comportamento geral dos torcedores representa sempre uma potencialidade de perigo, desvio, perturbação e violência. No entanto, para os outros, que participam efetivamente do cotejo, compartilhando certas permissividades, o jogo de futebol consiste num dos momentos em que as simples aglomeração em identidades e oposições – nós contra eles – admire a forma de uma consciência particular de um de Nós, que infere na lógica das relações mais cotidianas e rotineiras das cidades”.

Para que se entenda como os estudos são feitos nesta visão, um exemplo da razão utilitarista foi dado por Ricardo Melani, quando afirma que todo o jogo contém disputa, mas em uma sociedade regida pelo império dos índices, da quantificação, na qual o desempenho das pessoas é avaliado por números, a significação numérica vale mais que o jogar. E a sociedade só valoriza o índice vencedor. Por isso e somente por isso, os torcedores agiriam violentamente contra jogadores e torcidas adversárias não admitindo perder (1999).

Numa visão culturalista, já contra argumenta Geertz afirmando que o comportamento é uma ação simbólica e que um mesmo gesto pode significar qualquer coisa, como algo ridículo, um desafio, um cumprimento, uma ironia, uma zanga, um deboche, um orgulho. Assim, as teorias que considerem a cultura como algo “superorgânico” autocontido, com forças e propósitos em si mesmas muitas vezes desconhecidos dos indivíduos que fazem parte dela, ou que a considerem um padrão bruto de acontecimentos comportamentais sem entender o significado destes gestos, no mínimo, a estaria reduzindo. Afirma que a cultura é pública porque o significado o é. Nesta perspectiva, a cultura é melhor vista não como complexo de padrões concretos de comportamento, mas sim como um conjunto de mecanismos de controle para governar o comportamento. E o homem depende de tais mecanismos de controle extragenéticos para ordenar seu comportamento. Assim, nas torcidas organizadas poderia servir de exemplo a questão da violência que será analisada com mais profundidade no decorrer do trabalho. Dentro dos estágios ela está sendo reprovada pela sociedade global e a mídia contribui com este discurso afirmando que os culpados por ela são somente torcedores organizados, mas hoje se sabe que a maioria dos conflitos entre torcidas ocorre fora dos estádios exatamente por este controle exógeno da sociedade e da mídia, especialmente desta que provoca um aumento do afluxo de jovens nesses agrupamentos, atraídos possivelmente pelo prazer e excitação que a luta e o comportamento transgressor podem proporcionar. O padrão de comportamento é o mesmo, mas ocorre em locais diferentes e as causas não se restringem a motivos de futebol que só cabem a essa determinada cultura, mas sim envolvem causas sociais mais abrangentes. É como afirma GIULIANOTTI, 1999, p.26:

“Os significados dessas rivalidades do futebol tenderam a ser corroborados por divisões históricas e culturais mais profundas. Classicamente, a oposição é reforçada por

chauvinismos locais que são mapeados em termos espaciais. Nas maiores metrópoles do futebol, existem antagonismos importantes simplesmente dentro de zonas. (...) Os antagonismos mais profundos entre as classes, expressos pelo futebol, existiram na América do Sul e são permeados por severas clivagens étnicas. No Rio, a rivalidade Fla-Flu até recentemente ainda era garantida pela representação de classe e étnica. Finalmente, as dimensões altamente competitivas do futebol manifestam-se por meio de antagonismos nacionalistas e rivalidades internacionais”.

A cultura como mecanismo de controle inicia-se com o pressuposto de que o pensamento humano é social e público, já que “pensar” consiste em acessar símbolos significantes – palavras, gestos – ou qualquer coisa que seja usada para impor um significado à experiência. Do ponto de vista de qualquer indivíduo particular, tais símbolos são dados, já estão em uso corrente na comunidade desde que o indivíduo nasce, permanecendo após a sua morte com algumas modificações das quais ele pode ou não participar. Enquanto vive, ele utiliza-se de alguns deles, na maioria das vezes, com espontaneidade e facilidade objetivando fazer uma construção dos acontecimentos através dos quais ele vive para se auto-orientar.

O homem precisa de tais fontes simbólicas de iluminação para encontrar os seus apoios no mundo porque não dirigido por padrões culturais – sistemas organizados de símbolos significantes – o comportamento do homem seria um caos de atos sem sentido e explosões emocionais, sua experiência não teria forma. A totalidade acumulada destes padrões culturais é a principal base da especificidade da cultura humana e se manifestam nos diferentes âmbitos culturais com um determinado significado. Tirados de seu contexto podem perder todo o sentido. Tanto que, como já diz Giulianotti, os torcedores nômades do futebol já estão bem conscientes de que, se quiserem conhecer a sociedade que vai hospedá-los e compreender a complexidade de sua estrutura social e de seus valores morais, o mais próximo evento esportivo (neste caso o futebol) condensará e representará de maneira conveniente esses elementos antes mesmo da observação do visitante: observar o comportamento das torcidas, a dinâmica do jogo, etc. (1999).

Existe, dessa forma, aquilo que é controlado de forma inata e o que é controlado culturalmente no comportamento humano e esta fronteira é mal definida e vacilante. Quase todo o comportamento humano complexo representa o resultado interativo e não aditivo dos dois. Mais tarde poderá ser visto um exemplo de como a sociedade e a mídia exercem pressões de controle e ditam o comportamento do torcedor, o que devem olhar nos jogos e a forma deste olhar (controlado culturalmente). Esse “olhar” também interfere no papel do torcedor que passa, para

a sociedade global, de simples espectador à protagonista do espetáculo. Agora veremos como atua o controle inato e biológico do próprio torcedor, isto é, como não deve interferir e como é ensinado que o torcer deve deixar a emoção tomar conta e se devem esquecer padrões culturais. Retirei este depoimento do site oficial da torcida do Atlético/PR escrito por Luciane Cioneski no link curiosidades:

“Ser Fanático:

Ser Fanático é ser grande, sendo humilde, deixando de lado muitas coisas, lazer, amores.

Ser Fanático é querer sempre mais, desejar sempre mais alto pensar grande com o coração, torcer, vibrar, chorar, deixar as emoções virem à tona.

Ser Fanático causa arrepios quando escutamos nosso hino. Ser Fanático é estar no campo chova ou faça Sol, frio ou calor, pois o calor da torcida faz a gente esquecer do tempo, esquecer que está com fome, esquecer compromissos, esquecer da dor, muitas vezes presente em nosso peito.

Ser Fanático é ter sempre acreditado que a BAIXADA era um sonho possível, e ver agora esse sonho realizado.

Ser Fanático é ter sempre esperanças de um futuro com muitas vitórias, mais do que já estamos vivendo.

Ser Fanático é lutar, mas lutar com a voz erguendo a galera na arquibancada num grito único, num grito forte.

Ser Fanático é ter um ideal, um ideal de vencer sempre, vencer e vencer”.

Um valor difundido dentro das organizadas é a atitude de deferência ao time que se reflete em assistir aos jogos de pé, descansando apenas nos intervalos das partidas. Este “sacrifício” não é realizado pelos torcedores comuns que assistem ao jogo sentados e no intervalo levantam para “esticar as pernas”.

A cultura global de uma sociedade surge, na visão culturalista de Geertz, das idéias de grupos sociais poderosos tendo, assim, efeitos sociais poderosos, sendo posteriormente institucionalizadas passando de uma existência intelectual para uma material. Portanto, uma instituição pode ser totalmente mal compreendida se os valores e crenças não forem estudados no contexto de toda a gama de idéias desta sociedade antes de se realizar o estudo do seu significado sociológico (2002).

Sendo assim, resolvi fazer um breve resumo sobre a formação da sociedade ocidental com os valores que a permeiam para que se entenda como estes valores contribuem na formação dos valores da sociedade brasileira e das torcidas organizadas, num estudo cultural e simbólico, segundo Felix Kessing:

Dentro das tendências gerais, a idade da máquina ou revolução industrial dos tempos modernos certamente deve ser considerada um “segundo” grande período da dinâmica cultural. Essa evolução, em grande parte européia ocidental e americana, é mundial em seu impacto aculturativo e pretende ultrapassar a

revolução da produção de víveres em seus efeitos generalizados na cultura e na sociedade. Inovações desta tecnologia continuam a ter uma influência revolucionária nos sistemas econômicos e sócio-políticos em toda a parte. O trabalho pode ser feito sem depender da escravidão e a metrópole apequena as cidades. A agricultura tende a se tornar uma fábrica ao ar livre, a reorganização política em linhas de consolidação internacional tem refeito os mapas do séc. XIX. Numerosos sistemas éticos e religiosos entram em competição oferecendo muitas alternativas de credo e conduta aos homens, pequenas famílias móveis de pais e filhos emergiram no lugar dos grandes agrupamentos familiares. Iniciou-se um fenômeno que se pode chamar de “nomadismo industrial”, com indivíduos e pequenas unidades familiares deslocando-se para onde haja emprego dentro da estrutura da sociedade.

Inicialmente a Europa e mais tarde outros países entraram em um período de desenvolvimento populacional, já que a medicina moderna tem baixado os índices de mortalidade enquanto nos de natalidade têm-se mantido em ascendência devido à persistência de costumes que se relacionam ao sexo e ao matrimônio. Estes índices de natalidade só vão decaindo à medida que o industrialismo e a educação vão marcando os costumes sociais. Em correspondência, iniciou-se uma nova distribuição de idades acompanhadas de várias modificações sociais e culturais. A tendência centrífuga do homem para o regionalismo e a diferenciação cultural foi invertida para uma centrípeta que põe em contato povos e culturas dos extremos da Terra (1972).

Assim, os valores ligados ao desenvolvimento da personalidade individual e de suas emoções básicas são predominantes. Se algo deve mudar é sempre para agrado do indivíduo, seja em questões familiares, de Estado ou moralidade. O crucial é a possibilidade de expressão íntima individual, o que não acontece no Brasil de forma satisfatória servindo as leis e a cidadania para mascarar este fracasso.

Com o advento das grandes metrópoles e o aumento das cidades, já constata Da Matta que a construção da pessoa brasileira se deu de forma que o papel do cidadão, hoje, tem uma vigência negativa e profundamente relativa: se ele pode ser valorizado na letra impessoal e universal da lei e do discurso político eleitoral, o mesmo não ocorre na prática social: abordagem de guardas de trânsito, filas na saúde pública, péssimo atendimento, etc. A impressão que se tem é de um descaso, que o Estado deseja punir ou assaltar. Por isso, quando se vai a certos lugares, as

peças procuram se apresentar não como “cidadão fulano” que tem certos direitos impessoais, desinvestidos, mas como *primo, amigo, compadre* ou *irmão* - esses papéis que conferem direito imediato à vida personalizada e particularista do *nosso caso* e da *nostra pessoa*, o que garante acesso à consideração, ao empenho e ao jeitinho.

Mais algumas regras sociais que advieram com a modernidade dão contorno, estrutura e sentido à sociedade brasileira e se refletem nas torcidas, tais como: o gosto pelo revertério (festas como carnaval, onde os papéis sociais são invertidos e os “ricos” assistem os “pobres” de camarote), a fascinação com as relações pessoais (como a família, um local onde o indivíduo é visto como uma pessoa individualizada e por ela assume responsabilidades), o conflito entre as regras pessoais e impessoais (paternalismo e clientelismo deveriam gradativamente desaparecer num contexto moderno, mas adaptaram-se à dinâmica da sociedade urbano-industrial vivendo lado a lado com as relações mais impessoais, como foi acima exposto), a luta dos heróis contra as convenções.

Estes valores se refletem na sociedade de diversas formas. Uma delas se verifica na função dos nomes na sociedade brasileira: servem para individualizar, para isolar uma pessoa das outras e, assim fazendo, individualizar um grupo de outro. O nome caracteriza o indivíduo, pois são únicos e exclusivos, com o termo *xará* demonstrando a surpresa que dois ou mais nomes idênticos podem causar, algo que talvez não devesse ocorrer (1994). Adiante fiz uma análise sobre os apelidos nas torcidas e sua função dentro delas.

Basta olhar o significado do jogo para compreender a confluência de valores. Segundo Da Matta, 1982, o jogo significa basicamente ter que se submeter a regras que valem para todos sem poder alterá-las e seu traço distintivo é a noção fundamental das regras para todos e uma aceitação da idéia de justiça (que legitima o ganhador e o perdedor) e individualidade (quem perde é o torcedor e não sua família, classe,...).

Outra forma de perceber estes valores refletidos é na posse de logotipos, numa sociedade em que coisas e pessoas se tornam cada vez mais substituíveis, faz-se necessária a demarcação de algum tipo de ícone que possibilite o reconhecimento imediato daquele que o porta, que deixe algum vestígio. O que importa é que o portador seja diferenciado dos demais que não o possuem. Ao

analisar a função da camisa e dos objetos além de seu significado simbólico no item Comportamentos Rituais, este aspecto poderá ser visto.

Normalmente o objeto de estudo não tem claro para si de que forma sua cultura está relacionada com a sociedade global. Quem faz este tipo de análise é o pesquisador.

Agora cabe perguntar: como os valores da sociedade global contribuem para a formação dos grupos?

Segundo Adorno, um grupo seria uma comunidade de interesses, como uma aglomeração casual de indivíduos; uma comunidade unitária no tempo e no espaço ou, pelo contrário, dispersa; uma comunidade cônica de si mesma ou apenas vinculada por algumas características objetivas; qualquer círculo de pessoas (maior ou menor, momentâneo ou duradouro, solidamente organizado ou reunido de forma indefinida) que atuam contemporaneamente e de modo semelhante, sob um mesmo impulso externo e na base de um estado de consciência comum. Já Shapiro define o grupo como sendo um conjunto de indivíduos que cooperam entre si e têm em vista os mesmos objetivos, sendo que o que mantém sua união e estabilidade são os padrões de comportamento, de ajuda mútua e de cooperação e não os padrões formais de organização (visão funcionalista). Wiese idealiza que um grupo deve ter as seguintes características:

1. Relativa constância e relativa continuidade;
2. Organização baseada na repartição de funções entre os membros;
3. Idéias do grupo presentes em seus membros individuais;
4. Formação de tradições e costumes nos grupos de mais longa duração;
5. Relações mútuas com outras configurações grupais;
6. Um critério de Direito.

Isto não significa que um grupo seja constituído somente de idéias homogêneas, mas devem existir algumas concordâncias. Tanto para os grupos sociais como para uma totalidade em qualquer outra área, precisa existir espaço para a vida autônoma do todo e para a unidade interna do indivíduo (1977).

Um estudo que pode auxiliar no entendimento dos grupos é o da elaboração do conceito de rede social. Já diz Feldman-Bianco que este tem o objetivo de trazer um maior rigor à observação de relações interpessoais concretas que vinculam os indivíduos e revelar, entre outras coisas, os limites e a estrutura interna de grupos.

Este conceito está muito vinculado à teoria funcionalista-estrutural deixando de captar conflitos e contradições culturais, assim como deixa de atender a uma perspectiva histórica, porém ajuda a refinar a observação da fluência e do movimento das relações face a face de indivíduos específicos em contextos sociais particulares (1987).

Uma rede se forma partindo do princípio de que uma pessoa real impinge em outra, ou entra em contato com várias outras pessoas formando uma cadeia complexa de interconexões. Quando se tenta representar o modelo em duas dimensões, estando marcados convenientemente os pontos nos quais as pessoas podem estar ligadas e que mostram as relações sociais, as linhas entrecruzam-se freqüentemente formando em alguns momentos circuitos fechados.

Um exemplo deste tipo de estudo nas torcidas é dado por GIULIANOTTI, 1999, p.77:

“Por isso, enquanto em meados da década de 1980, a idade média de cada grupo era de menos de vinte e poucos anos e hoje, a maioria dos *hooligans*¹ está com os seus vinte e poucos anos ou trinta e poucos. Esta maturidade possibilitou-lhes formarem uma “rede” de informações informais que se estende pelo Reino Unido e pela Europa. Individualmente, os *hooligans* chegam a reconhecer os seus rivais de anos de lutas; encontram-se, por acaso, no tribunal, nos carros de polícia, nas celas; nos clubes e nos *pubs*; em outras partidas de futebol; no trabalho ou nas férias. A internet oferece maior possibilidade de expansão dessa rede. São trocadas informações sobre os últimos eventos e sobre os méritos de cada torcida. A rede ajuda a estimular alianças ou “amizades” entre dois grupos de *hooligans*. Ela fornece a oportunidade de “planejar” confrontos sem a interferência da polícia. Telefones celulares permitem manter-se em contato com seus rivais no dia do jogo, de modo que possam discutir quando e onde é mais provável que haja chance de confronto”.

Mas, porque as pessoas da sociedade brasileira têm tendência de formar grupos? Os valores que ressaltam o individualismo na esfera pública, segundo Jonh Beattie, fazem acreditar que cada homem por si só deve aceitar a responsabilidade de suas ações e ele, não um grupo, deve sofrer as conseqüências se violar as regras (1971). A vantagem de participar de um grupo possibilita que o indivíduo oculte sua responsabilidade, se esconda neste grupo e ainda, adquira “força”, que seus ideais sejam escutados por toda uma sociedade (favorece aqueles que não podem usufruir as redes particulares, não possuem dinheiro e nem contatos importantes). Já fala ADORNO, 1977, p.79, que:

¹ Torcedores de futebol organizados do Reino Unido.

“Seja qual for a espécie de indivíduos que compõe a multidão, por semelhantes ou díspares que possam ser seus modos de vida, suas ocupações, caráter e inteligência, o simples fato de estarem transformados em massa dota-os de uma espécie de alma coletiva, em virtude da qual sentem, pensam e atuam de um modo inteiramente distinto ao que cada um deles, separado dos outros, sentiria, pensaria ou falaria”.

E complementa dizendo, porém, que os homens não se fazem massa por simples quantidade, mas sob a ação de condições sociais específicas, entre as quais se incluem tanto o comportamento do líder como a identificação com este, com os símbolos ou com a horda de seus próprios semelhantes, submetidos à mesma dependência.

Numa visão estruturalista, a participação em grupos se daria pela necessidade das pessoas vivenciarem um momento em que são igualadas a qualquer outra pessoa independente de classes sociais ou qualquer outro tipo de diferenciação, de sentirem que possuem voz social. Esta experiência seria essencial para libertar os homens de sua estrutura social por um momento e revitalizá-los para que a adentrem novamente. Este tipo de medida evitaria manifestações patológicas por exagero da estrutura. A fraternidade só é possível caso exista uma estrutura organizada e hierarquizada na qual os subordinados respeitam seus superiores e estes se comportem como “iguais” apesar de seu “status”.

Como ocorre isto dentro das organizadas? Relata-nos TOLEDO ,2000, p.149 que:

“Na maioria das vezes, a bateria é composta por pessoas mais velhas ou aquelas que estão há mais tempo como integrantes da torcida. A distribuição espacial dos torcedores organizados nas arquibancadas obedece a uma certa regularidade. A partir da localização da bateria, espalham-se os torcedores: quando ela se posiciona na parte inferior das arquibancadas, toda a torcida se espalha pelos degraus acima, quando ela fica no núcleo da torcida, é rodeada pelos demais integrantes. Aqueles torcedores que se localizam mais perto da bateria são normalmente os mais velhos da torcida, conselheiros, diretores. À medida que se afasta da bateria, o contingente de torcedores é composto por pessoas mais novas, a molecada. Geralmente é uma parte da molecada que empunha o conjunto de bandeiras que se espalham por uma área geralmente maior que aquela ocupada pelos torcedores organizados. As bandeiras devem ser distribuídas de maneira uniforme para não ficarem amontoadas. Algumas torcidas possuem “puxadores de xingamentos”, gritos de guerra e cantos. (...) Eles se posicionam sempre defronte da bateria de modo a poder visualizar toda a torcida, que se espalha acima pelas arquibancadas. Este posicionamento permite que tenham um certo controle dos seus integrantes. Aqueles que não agitam e não cantam são, por vezes, repreendidos. Por estarem durante todo o jogo defronte da torcida, esses puxadores não assistem a parte dele, assim como ocorre com alguns integrantes da bateria. O seu desempenho e carisma depende, em grande parte, do próprio carisma e respeito diante de toda a torcida”.

Numa visão culturalista e simbólica, Geertz coloca que a maneira que as pessoas se agrupam, a posição de cada uma delas em relação às outras, o

ordenamento da postura em que se colocam na companhia de outro não são acidentais e sim resultados do tipo de relacionamento que existe entre as pessoas. O agrupamento de corpos tem um significado específico e implícito.

Toledo ilustra esta idéia em seu estudo dizendo que logo se percebe que parte das regras cotidianas, que imprimem ritmo à cidade, é alterada pelos jogos de futebol. Exposição de cores exuberantes e contrastivas, símbolos e marcas, cantos e *gritos de guerra* que ecoam pelas ruas e bares, nos ônibus e estações de metrô. Ainda, anônimos notadamente alterados, instauração de uma outra ordem (2000). Cito-o, p.132:

“ (...) pode até mesmo alterar regras rotineiras de convivência e ocupação dos espaços urbanos. Espaços que são reordenados, reapropriados e até mesmo ressignificados em função de jogos e torcidas envolvidas. Há, dessa maneira, toda uma mobilização no sentido de adequar setores da cidade ao evento. Os coletivos, trens e metrôs, que diariamente transportam cidadãos com interesses variados aos lugares distintos da cidade são tomados por tricolores, alvinegros,..., investidos e direcionados para uma ação comum, coletiva, a caminho de um jogo na busca das emoções de uma vitória ou da tragédia da derrota. Irrupção de solidariedades, preferências, vontades gerais de grupos que se identificam e se contrapõe, transformando o conjunto de indivíduos em massa, mas diferenciados em nações. O espaço circunscrito ao jogo e à partida de futebol, o estádio, portanto, é como que ultrapassado. E, no imaginário do torcedor, recriam-se a disputa e a competição pelos meandros da cidade, nos bares, no trabalho ou na escola. As ruas e os trajetos adquirem as tonalidades e cores dos times: o tempo é o do jogo e a ética e os comportamentos são o da disputa”.

Toledo acrescenta que os *clássicos* mobilizam uma gama de serviços públicos, com destaque para a polícia e todo o seu aparato bélico, cavalos e cachorros, presença comum nas manifestações de rua misturando-se aos torcedores agitados; um variado comércio informal que vende bebidas, camisas, bandeiras, a atuação de flanelinhas e cambistas que inflacionam o preço dos ingressos alegando estar à fiscalização atenta. Toda essa movimentação muda a paisagem do local.

Segundo Adorno, baseado na visão psicológica de Homans, existem dois tipos de grupos:

Microgrupos que possibilitam um contato direto entre os homens que pertencem a eles facilitando a identificação com outros membros. Normalmente esses espaços possibilitam a criação de uma visão da vida e de suas relações recíprocas. O homem experimenta-se como pessoa.

Grupos ordenados de forma racional com objetivos utilitários que concretizam o anonimato social, como o pessoal de uma empresa. O caráter utilitário é

primordial, a afiliação é freqüentemente forçada e não existe uma compensação no campo emocional.

Uma freqüência menor de contato entre os membros do grupo e as pessoas alheias ao mesmo, acompanhada de maior emotividade nos confrontos entre uns e outros, aumenta a freqüência do contato e a intensidade dos sentimentos de simpatia ou antipatia entre eles. É preciso atentar ao contexto.

Os grupos ainda podem ser, segundo Victor Turner:

- Limitados, estruturados e particularistas: pregam a homogeneidade, redução de todos ao mesmo nível de “condição social”, uso de vestuário uniforme, redução ao mínimo das distinções entre os sexos, a loucura “sagrada”, aceitação da dor e do sofrimento até o ponto de se submeter ao martírio.
- Grupos abertos.

Comportamentos gerados pela formação dos grupos:

a) Com relação ao apego que as pessoas criam por determinadas áreas da cidade, é errôneo o pesquisador indagar e observar quem é seu proprietário porque ele receberá várias respostas diferentes. Isto não significa que seus informantes sejam mentirosos ou inconscientes e sim, que a pergunta está sendo feita de forma errada. Deve-se perguntar que pessoas têm direito àquele pedaço, que direitos possuem e em quais momentos.

Já diz Giulianotti que nos dias de jogo, a geografia local de toda uma localidade é transformada: as ruas ficam congestionadas pelos carros, os torcedores urinam nos jardins, brigas esporádicas começam de repente, ocorre vandalismo e aparece um comportamento arruaceiro. Essas externalidades negativas podem contribuir para determinar uma relação antagônica entre o clube e a comunidade local, promovendo uma topofobia em relação ao dia de jogo e ao campo.

b) Às vezes, o motivo de lucro ou vantagem material é substituído ou suplementado pelo que Firth chamou de “motivo de incremento de "status" de um grupo frente a outro”.

Existe, segundo Shapiro, a questão do "status" interno do grupo. Os indivíduos não têm o mesmo papel no funcionamento de um grupo e cada "status" requer o cumprimento de certas obrigações em relação aos demais indivíduos que habilitam este, em especial, a certos direitos. Esta é uma análise funcionalista do funcionamento interno de um grupo.

c) Criação de tradições que, segundo Da Matta, significam mais do que viver ordenadamente certas regras estabelecidas e sim, vivenciá-las de um modo consciente e responsável, colocando-as dentro de uma forma qualquer de temporalidade. A tradição, assim, torna as regras passíveis de serem vivenciadas, abrigadas e possuídas pelo grupo que as inventou e adotou. Os membros a percebem como algo especialmente inventado para eles, a honram e atualizam. Toda tradição implica em uma escolha, um compromisso e uma legitimidade. É um fato da consciência porque toda tradição diz aquilo que deve ser lembrado, com que intensidade e o que deve ser esquecido e é uma seleção porque implica distinções num quadro infinito de possibilidades sociais e experiências históricas.

Hobsbawm define tradição inventada como sendo um conjunto de práticas normalmente reguladas por regras aceitas implicitamente ou abertamente, são de natureza simbólica ou ritual, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica em uma continuidade com relação ao passado. Este autor ainda as classifica em três tipos:

- As que estabelecem ou simbolizam a coesão social ou as condições de admissão de um grupo;
- As que estabelecem ou legitimam instituições, "status" ou relações de autoridade;
- Que visam à socialização, a inculcação de idéias, sistemas de valores e padrões de comportamentos.

As tradições inventadas têm funções políticas e sociais importantes e podem ser criadas para qualquer espécie de manipulação.

Como as tradições das torcidas organizadas são mantidas e transmitidas de membros antigos para novos? Aqui cabe citar o que diz RIGO, 2004, p.4, em seu artigo *Amizade e Sociabilidade no Futebol Menor Pelotense*:

“Um pouco mais sobre os agenciamentos, os modos de subjetivações que são forjados nas relações que esses “boleiros apaixonados” estabelecem com o futebol pode ser visualizado na forma como eles preservam as camisetas, as medalhas, as flâmulas e as fotografias dos times nos quais atuaram. Esse cuidado com as lembranças do futebol revela aspectos significativos de uma memória material que somente seus praticantes têm preocupação em preservar. A importância que muitas destas lembranças possuem pra seus donos as torna algo similar ao que Viollete Morin nomeou de “objetos biográficos”, que são aqueles objetos que se incorporam à vida dos seus proprietários”.

Assim como os boleiros mantêm suas lembranças, o mesmo fazem os

torcedores com sua memória material nas sedes dos clubes. No artigo em anexo pode ser entendido como os membros mais antigos das torcidas ensinam o significado dos objetos, dos jogos e até mesmo ensinam a torcer.

d) O fator biológico não prepondera sobre o fanatismo da participação.

Aqui ainda caberia analisar o porquê da participação em grupos na visão do objeto de estudos, porém, não encontrei na literatura uma pesquisa que abordasse essa visão.

2.42 O comportamento dos torcedores: será a participação nessa estrutura uma necessidade intrínseca de crer em algo e/ou a procura de uma identidade social?

Numa visão funcionalista e estruturalista, segundo Oliven, a necessidade de lazer cresce devido à urbanização e à industrialização, mas esse crescimento é diferente para as diversas camadas sociais (1985). O torcer seria um tipo de lazer que cumpriria esta função: libertar os homens da estrutura, revitalizá-los com uma experiência de se sentirem com voz, participantes de um todo, uma experiência de comunidade e solidariedade para depois retorná-los à estrutura. Isto aliviaria tensões e auxiliaria na manutenção da estrutura social, evitando revoltas sociais. O futebol funciona como uma espécie de ópio do povo. Assim, nesta visão seria necessário descobrir que necessidades (biológicas, psicológicas ou sociais) o torcedor possui para se aliar a um clube e de que forma é manipulado atendendo aos interesses hegemônicos. Esta tese funcionalista é derrubada pela evidência histórica de que o futebol pode tornar as massas aptas a protestar contra a elite dirigente. Segundo Taylor, o futebol pode cumprir muitas funções e atender a muitos senhores.

Outra explicação funcionalista é dada por Shapiro: Com a origem das grandes cidades, o grupo local perdeu parte de sua importância, um habitante de uma cidade pode não conhecer quem mora na casa ou apartamento ao lado e assim pouco sente pela vizinhança e pouco dela participa. Por isso talvez seja grande o esforço na forma de centros comunitários, clubes locais. Estas pessoas geralmente transferem sua solidariedade para um grupo maior, devotam algum símbolo da cidade, como por exemplo, um clube de futebol (1966). Esta visão coloca que a

necessidade do torcer advém de algo que a estrutura social não pode prover aos seus habitantes (solidariedade e individualidade) e que é encontrado quando o indivíduo alia-se a algum tipo de clube. Isso propicia que a ordem social seja mantida e esta fica sendo a função destas instituições. Já diz TOLEDO, 2000, p.136:

“Carregando as diversas percepções e experiências de seus pedaços e lugares de moradia, os torcedores organizados, do burguês ao Zona Leste (leia-se rico e pobre), investidos da motivação maior de pertencerem a grupos diferenciados, as torcidas organizadas, agrupamentos que fazem a mediação entre o anonimato da condição de indivíduo-torcedor e a indiferenciação de pertencer à massa torcedora, concebem juntos outras maneiras de apropriação da esfera pública. Burguês e ZL têm a possibilidade de ocupar estádios, ruas, sedes e quadras das torcidas organizadas, escolas e blocos de samba, festas, de maneira coletiva, objetivando um outro padrão de sociabilidade”.

Nesta visão, ainda segundo Giulianotti, qualquer esporte, em qualquer cultura deve ser capaz de produzir momentos subliminais, extáticos: uma manobra corporal surpreendente, uma defesa de tirar o fôlego ou o gol da vitória coroando uma partida dramática podem ser o centro de êxtase de uma partida de futebol. Eles podem incluir a experiência da imersão e *communitas* profundas dentro do grupo geral de torcedores, como o êxtase de compartilhar a vibração de bandeiras e lenços por um time, ou adrenalina de ver e desafiar os inimigos em confrontos de torcida. A esperança de experimentar esses momentos extáticos é o que mantém as pessoas indo a jogos, para participar no campo ou nas arquibancadas.

Ainda argumenta Giulianotti que os defensores de uma tradição neofuncionalista acreditam que a vida moderna tende a quebrar a comunidade e as identidades sociais estabelecidas nas sociedades industriais pré-industriais e, portanto, a formação de clubes de futebol e a associação constante e voluntária de torcedores ajudam a contrabalancear os sentimentos de atomização e de alienação que corrompem indivíduos nas grandes e impessoais cidades.

Já Pimenta defende que grande parte dos integrantes de torcidas organizadas são os jovens. O que os fascina é a idéia de “segurança” que o grupo pode proporcionar diante de uma sociedade de sobrevivência, de concorrência, de luta de todos contra todos (para os adolescentes de um contra todos). Os jovens teriam, portanto, uma necessidade de se agregarem a um grupo que transmita sensação de força e coragem (1997).

Numa visão culturalista e simbólica, segundo Toledo, muitos torcedores organizados concebem o torcer como um *estilo de vida*. Nos termos em que coloca

Bourdieu, este termo caracteriza-se como o “gosto, a apropriação material e simbólica de uma determinada categoria de objetos e práticas classificadas ou classificadoras (1983)”. Desse modo, o conjunto de microespaços simbólicos estabelecidos pelos torcedores organizados, traduzidos na vestimenta, na apropriação dos espaços públicos, na musicalidade que imprime de maneira peculiar ao torcer, no comportamento desviante, na linguagem, enfim, resulta em práticas de distanciamento e mesmo legitimação diante de outros grupos e papéis que assumem no cotidiano (2000). O torcer significaria, portanto, a busca por uma identidade social.

Ainda nesta visão, acrescento que um valor que a sociedade atual construiu é que seu centro é ocupado pelo indivíduo consumidor e provedor de todas as marcas de legitimidade social e não mais pela magia. Tanto o totemismo como a magia ainda subsistem em algumas áreas do sistema social, normalmente áreas críticas onde o sistema ainda luta com o significado moral e social de tudo o que produz e tudo que não marcha muito bem: espaços destinados à fantasia, à inseqüência, à apreciação, como os espaços de lazer, por exemplo. Por isso a busca pelo torcer, por um espaço de lazer que propicia e justifica a magia, assim como fazem as religiões.

Assim, segundo Geertz, para praticar qualquer espécie de atividade religiosa (aqui o torcer tem proximidade com a religião) é necessário que a pessoa tenha duas disposições: ânimo (varia em intensidade, surge em certas circunstâncias, mas não possui nenhum fim, ocorre com freqüência variável) e motivação (tem um determinado fim para o qual a atividade é concebida, dura um período de tempo maior). Pimenta contraria esta idéia afirmando que estudar o futebol apenas como uma “profissão de fé”, somente sob o ponto de vista das dramatizações e símbolos sem a busca pelo sentido cultural e estrutural/funcional contribuem para reforçar a teoria de ser o futebol o “ópio” do povo.

Da Matta (1994) acrescenta que as emoções (ânimo e motivações) não são espontâneas e individuais (frutos de estados internos relativamente livres denominados sentimentos) e sim que estes sentimentos são produzidos pela sociedade e impostos aos seus membros (nos informa porque os temos, o modo correto de usá-los entre outros).

Inclusive o torcer é aprendido quando um membro resolve se associar à Organizada e a freqüentar os jogos aprende o significado e o modo correto do

torcer, ou ainda, segundo Luiz Henrique de Toledo, aprende através de revistas esportivas que a partir dos anos 50 despertam o interesse dos torcedores e imprimem uma linguagem esportiva conhecida por todos (2000). Atualmente a forma mais comum de formação de opinião é através da mídia televisiva, como poderá ser visto na análise do comportamento violento, a seguir.

Visto o motivo do torcer pelos enfoques antropológicos, cabe agora analisar o que pensam os torcedores. O que os leva a torcer em sua própria visão? Por que o torcer é tão atraente? Alguns depoimentos tirados da literatura e da internet serão apresentados:

Enquanto torcedora, Antunes, 2004, p.16:

“Mas o que me fascinou foi a força que vinha das arquibancadas. Pessoas estranhas pareciam ser minhas antigas conhecidas. Nos momentos de iminência de gol, a explosão de alegria era contagiante. Sentia-me compelida à confraternização, à troca de abraços e sorrisos, como todos os outros. A experiência de união, de compartilhar o amor por uma mesma camisa, pelas mesmas cores, de respeitar uma mesma tradição de glórias passadas e presentes permitia que cada um de nós se reconhecesse na multidão de são-paulinos”.

José Lins do Rego, depoimentos retirados do livro de Fátima Antunes, 2004, p.52 e 55:

“Há no Flamengo esta predestinação para ser, em certos momentos, uma válvula de escape às nossas tristezas. Quando nos apertam as dificuldades, lá vem o Flamengo e agita nas massas sofridas um pedaço de ânimo que tem a força de um remédio heróico. Ele não nos enche a barriga, mas nos inunda a alma de um vigor de prodígio”. (*Jornal dos Sports* apud Coutinho, 1991, p.2).

“Muita gente me pergunta: mas o que você vai fazer no football? Divertir-me, digo a uns. Viver, digo a outros. E sofrer, diriam os meus correligionários flamengos. Na verdade uma partida de football é mais alguma coisa que um bater de bola, que uma disputa de pontapés”. (Lins do Rego, 1945).

Elias Cordeiro escreveu para o site www.furacao.com no link Fala, Atletico sobre a influência familiar para se tornar um torcedor:

Atleticanismo

25/10/2004 eliascordeiro@terra.com.br

“Sou "Atleticanólatra". "Atleticanismo" é o nome que dá, a uma doença que se manifesta da mesma forma em todos os tempos. Ela é compulsiva. Às vezes, é hereditária, mas normalmente, é transmitida geneticamente. É extremamente contagiante, não contagiosa, mas contagiante. Tem em comum, o fato de que, todos os portadores dessa doença, têm uma terrível aversão às cores verde e branca e uma atração irresistível às cores vermelha e preta. Seus sintomas são iguais e imutáveis. Mudam apenas as épocas e os locais em que ela se manifesta. (...) tenho dois sobrinhos, filhos de um "coxa". São "Atleticanos doentes como o tio", e todos os meus filhos, 7 (sete) ao todo, são perfeitamente saudáveis, são doentes fanáticos pelo Clube Atlético Paranaense. Ah! em tempo, até o meu cunhado, depois de tanto massacre, virou Atletico”.

E para tornar a análise mais completa, anexei um depoimento do presidente da torcida Gaviões da Fiel, José Cláudio de Almeida Moraes (Dentinho) e seu assessor de imprensa Eduardo Escolese, com o intuito de mostrar como os sócios aprendem as tradições da organizada, assim como o significado do torcer ao se associarem. Aqui se nota tudo o que o discurso da mídia oficial não conta, mostra a torcida organizada enquanto uma instituição que não visa o vandalismo e que oferece um espaço para se pensar a realidade do futebol no Brasil de hoje.

O Comportamento Violento

Inicialmente cabe mencionar que, segundo Da Matta, em sua visão culturalista e simbólica, é a sociedade com suas ideologias que abre dentro dela espaços para a divergência (1994). Existem sistemas sociais que toleram e até mesmo tomam o conflito como um alimento social básico para a sua própria existência enquanto conjunto saudável e íntegro. Porém, existem sociedades, como a brasileira, cujo temor ao conflito e à divergência é muito grande, daí sua dificuldade em reconhecer lutas e oposições, o apoio que dá aos pacificadores (os que são capazes de buscar um ponto comum na divergência e no conflito) e o fato de se armarem com um sistema repressivo. Ainda assim, a rivalidade entre grupos intimamente relacionados, leva à violência organizada. Os conflitos surgem e são levados ao interior os estágios de futebol. Nestes também surgem vários conflitos concluindo-se assim que os conflitos surgem tanto a nível global quanto a nível local e podem ser levados de um nível a outro.

Jonh Beattie afirma que uma outra causa para o comportamento violento advém da cultura brasileira de que um homem tem poder quando pode fazer aquilo que deseja fazer e quando possui poder social é capaz de levar uma pessoa a realizar aquilo que ele quer que seja realizado. Ao contrário de poder, autoridade política implica direito de realizar algo que é publicamente aceito e reconhecido. Uma autoridade pode se legitimar através da força física ou ideológica (1971). Assim, um grupo que não consegue vencer um outro ideologicamente ou “de acordo com as regras do jogo”, pode se sobrepujar sobre o outro através da força física. Os torcedores organizados não ganham apoio publicamente por seus atos violentos, mas o “status” que obtém é perante as demais torcidas. Assim, segundo Giulianotti,

cada torcida procura “ameaçar” as outras “defendendo-se” e atacando as opostas. Eles mantêm alto grau de prestígio e respeito pelos que se ergueram e lutaram “corajosamente”, mesmo que tenham desistido do pior, mas aqueles que voltaram para trás e correram de um confronto são humilhados. Finalmente existe muita ridicularização para os que ganham atacando alvos “ilegítimos”, tais como torcedores comuns. Este código só é suspenso quando a rivalidade entre dois clubes é muito grande ou quando os torcedores comuns zombam da derrota dos organizados (1999).

E, além disso, um espaço em que os direitos das pessoas são “igualados” é no estádio de futebol e isto acaba contribuindo para que a violência seja um desnivelador. Já fala RIGO, 2001, p.217:

“Além de atuarem como ícones de pertencimento (identificam seus membros entre si e com o bairro), os clubes de futebol agem como catalisadores que concentram e reproduzem os afetos, os códigos e os conflitos que flutuam pelas ruas. Por sua capacidade de agregar e interagir com os torcedores, eles tornam-se agenciadores de sociabilidade, um lugar onde se forjam sentimentos e valores, um espaço utilizado para administrar rivalidades, as diferenças e as tensões intrínsecas de cada bairro **ou torcida**” (grifo meu).

Retomando Da Matta, se não se tem a moeda do poder autorizado, utiliza-se outra. Se não se tem aquela outra, tenta-se mais uma até chegar à moeda corrente da violência física e da força bruta, moeda esta que está inflacionando a atual experiência urbana. Quem não tem carteira assinada, sindicato, emprego, partido, corporação ou nome de família tem maior risco de ser violentado. O poder fica muito perto de quem tem a possibilidade de utilizar muitos códigos e regras (1994).

Um outro discurso sobre a violência é dado de acordo com o funcionalismo. Já diz Shapiro que todos os casos de brigas limitadas e reguladas são formas de ajustar diferenças entre grupos constituintes de uma unidade maior (no caso o âmbito da torcida somente) que são atrelados à lei (1966). Com a modernização o Estado deixa de gerenciar políticas públicas e isto origina uma gama de “despossuídos” que são os atores da violência entre torcidas organizadas. Por isso as torcidas ainda existem, acertam diferenças através da violência (sujeitos de periferia) e assim propiciam uma “harmonia” entre si garantindo a sua existência. Alimentar rivalidades também é uma forma de garantir e afirmar uma identidade social.

Dada uma introdução do discurso das principais teorias antropológicas, cabe agora aprofundar um pouco mais o discurso de cada uma respondendo: Mas o que realmente motiva a violência entre as torcidas organizadas, a busca de poder, a falta de policiamento, uma ação espontânea característica da maldade humana, a própria sustentação de força do grupo,...

Para esclarecer esse ponto, Da Matta retrata dois tipos de discursos referentes à violência na sociedade brasileira:

- 1) Um discurso funcionalista, baseado somente na visão do antropólogo, que tende a confundir a violência com a própria estrutura social. Se os produtores são de direita, o discurso encara a violência como um caso virtual de ausência de repressão, quer dizer, é necessário mais polícia para liquidar a violência que é uma consequência da indisciplina das massas, vistas como segmentos inferiores e potencialmente perigosas. Se os produtores são de esquerda, o discurso é um caso de poder: liga-se poder, violência, sociedade de consumo, capitalismo, autoritarismo e desmando governamental apresentando uma sociedade cuja lógica gira exclusivamente em torno do lucro, consumismo e capitalismo perverso e mostrando o poder sempre muito coeso e vigilante. Assim, tanto o discurso de direita como o de esquerda mostram a violência como resposta funcional da sociedade e não como sua expressão. Os violentos são acidentes ou anomalias provocados por este tipo de sistema. A compreensão se confunde com o diagnóstico, seu final sempre sugere uma nova Constituição ou um novo aparato legal.

Liquida-se a violência através da sanção (consequência, agradável ou desagradável, que se segue a alguma coisa feita e que todos sabem que se segue). Presumi-se que, em geral, as pessoas evitem um comportamento que trará consequências dolorosas para elas. Algumas dessas consequências são internas – a dor de consciência – mas outras atingem o transgressor vindas de fora. Existem dois tipos de sanções externas mais comuns:

- ◆ Sanções Primárias: Envolvem a ação de toda a comunidade ou de seus representantes autorizados. Incluem as sanções da lei criminal.

Um exemplo deste tipo de sanção é dado por Toledo, quando explica que o poder público divide os trajetos e segrega os torcedores nos dias de clássicos para evitar a violência entre os ônibus de torcedores opostos. Os torcedores organizados,

em dias de clássico fazem o caminho: local de moradia-sede (onde pegam o ônibus em conjunto com outros torcedores)- estádio de futebol. Os torcedores comuns fazem local de moradia – estádio de futebol. Esta segregação evita que os torcedores “fiquem marcando bobeira com a camisa do time por aí, sozinhos” e corram o risco de apanhar. Como os trajetos e percursos são conhecidos previamente, aqueles que burlam, intencionalmente ou por desconhecimento são abordados, humilhados e em alguns casos até agredidos. Esta atitude de intolerância é um comportamento generalizado entre uma parcela dos torcedores de futebol das grandes cidades (2000).

Aqui faço um parêntese para analisar em termos culturais e simbólicos o porquê desta intolerância. Da Matta explica que nos termos da hierarquia vigente na sociedade brasileira, o pecado maior não é apenas “não saber o seu lugar”, mas ignorar o do outro. Desconhecer a posição de alguém leva a uma avaliação defeituosa das distâncias provocando manifestações de incontinência de todo o tipo (1982).

◆ Sanções secundárias: Envolvem a ação de uma pessoa particular ou grupo de pessoas com relação a outras pessoas/ grupos dentro de uma sociedade. É executada com a aprovação e consentimento geral da comunidade como um todo, sua aprovação moral.

Da Matta coloca que um atrativo do futebol está no fato da idéia de liberdade que ele dá. Ninguém escolhe o grupo social em que está inserido, enquanto que um clube é escolhido livremente pelo torcedor, tudo dependendo de um ato de vontade e livre de sanções (1982). Porém associado, o torcedor organizado novamente se depara com uma estrutura parecida com a social que vivencia, sujeito a sanções tanto do Estado como dos próprios torcedores caso não cante, não vibre.

Para escapar às sanções, a explicação funcionalista coloca que os torcedores planejam brigas em diferentes locais longe da fiscalização do Estado, simplesmente por instinto biológico de proteção.

Já afirma Giulianotti que estas medidas modernas de sanções “toscas” inadvertidamente serviram para intensificar o comportamento violento no futebol. No exemplo dos trajetos, transformar o espaço público em privado faz com que o torcedor se sinta dono do local que vai defender “com unhas e dentes”. Aos poucos a violência foi deslocada do campo, acentuando os diferentes sentidos de identidade

dos grupos organizados e sua diferenciação formal do conjunto geral de torcedores (1999).

Além disso, Giulianotti relata que no mundo em desenvolvimento, fatalidades anormais nas arquibancadas são mais comumente causadas pelas tentativas da polícia de controlar os torcedores “violentos” do que pela própria violência das torcidas (1999).

Um outro exemplo de como as sanções instigam à violência atinge os jovens torcedores de futebol, ou a *garotada*. Pimenta explica que a sanção valoriza o uso do termo *apavorar*, que entre eles é comum e evoca bravura e afirmação, denota um feito espetacular, audacioso, socialmente reprovado e potencialmente transgressor. Revela um êxtase e prazer na atitude furtiva, um acontecimento limite cuja realização traduz-se em temor e angústia. É um comportamento coletivo e que contribui para desagregar os membros de uma mesma torcida, tornando a análise funcionalista da solidariedade grupal um tanto ultrapassada. Quem é pego em flagra, agredido ou até morto simplesmente *se fudeu* ou *foi vacilão*, como comumente afirmam os torcedores revelando um desprezo pela existência do outro e aqui se inclui os próprios aliados de uma mesma torcida (1999).

2) Um discurso do senso-comum baseado na experiência diária no qual a violência não surge apenas como fenômeno histórico ligado a certas instituições sociais e regimes políticos, mas, sobretudo, como um mecanismo social indesejável: uma ação espontânea, reparadora e direta (se desejo, estupro; se não possuo, roubo; se sou contrariado; espanco) que dispensa a conversa civilizada e rompe com os espaços e a barreira de costumes, as normas legais, invade o espaço moral do adversário (no cara a cara existem duas pessoas moralmente iguais, independente de bens materiais, o que mostra que a idéia de compensação moral é um dado básico da ideologia brasileira). O que mais apareceu na mente dos informantes quando se falou em violência foi a imagem de uma luta ou agressão corporal de um fraco e inocente sendo atacado por um forte. Percebe-se que essa violência é mais profunda, personalizada, despolitizada, estando muito mais a serviço de uma moralidade compartilhada por todos os membros da sociedade (o que a causa é o egoísmo que faz com que as pessoas tomem partido de seus interesses particulares, eventualmente contra seus parceiros morais) do que a

serviço de um grupo, classe ou ideologia. No momento de análise do discurso dos torcedores isto poderá ser notado.

Uma antropologia culturalista e simbólica justifica a existência da violência baseada na ideologia do povo estudado. Isso pode ser percebido quando Da Matta prossegue na idéia de que, no discurso erudito, o *legal* (de legalidade) atribui ao plano jurídico a responsabilidade de resolver conflitos, realizar justiça compensando os fracos e corrigindo o poder dos fortes. Em oposição a este discurso, fala o senso comum que a função do violento é aplicar justiça com as próprias mãos quando as corporações legais falham, tardam ou inexistem (a justiça pela lei sendo falha, abre caminhos para a existência desta outra justiça). Assim, a vingança seria um modo heterodoxo de ajustar o sistema, acelerando ou promovendo a justiça que uma desigualdade política tendia a obstruir.

Os tumultos urbanos caracterizam uma outra face desta ideologia: são ações deflagradas contra o Estado e a propriedade pública, objetivam o reconhecimento social e político a qualquer preço e se propõem a resolver de imediato uma situação. A lógica que impera é a de ganhar rosto, voz e reconhecimento político (normalmente quem realiza são as massas de indivíduos destituídas e invisíveis para as elites, autoridades, governo e população em geral).

Mas, no caso dos torcedores, porque normalmente agredir transportes coletivos? Ainda nesta visão culturalista e simbólica, este veículo tem uma conotação sociológica precisa: simboliza o pleno anonimato de uma cidadania com muitos deveres, mas sem nenhum direito. Ser usuário de transporte público é, no caso do Brasil, o ponto final de uma massificação que todos tentam evitar. Agredi-lo é mostrar a indignação contra o tratamento anti-humano que se recebe.

Da Matta analisa a ideologia que rege os modos de comportamento frente às costumeiras sanções, e assim a resume: as relações pessoais e as regras impessoais que regem o liberalismo brasileiro correm lado a lado e em esferas sociais mutuamente exclusivas, embora complementares. Assim, enquanto o liberalismo (e o sistema constitucional) é assunto para o mundo da política – universo metaforizado pela *rua* – os valores que governam o sistema do valor e da patronagem, atuam no universo metaforizado pela *casa*.

Isto justificaria o comportamento dúbio de pessoas que recusam a coerência burguesa, o desempenho na *rua* lhe dá o direito de ser o oposto em *casa*. Idéias contraditórias são hierarquicamente integradas na base de diferentes

englobamentos de modo que para certas coisas se é liberal e para outras paternalista. Soluções brasileiras para conflitos exprimem aos amigos tudo e aos inimigos a lei, não se recorre ao igualitarismo burguês.

Estes dois níveis operam simultaneamente, tem a mesma importância ideológica e política, variando de acordo com o contexto e a situação: Um exemplo, quando se tira uma carteira de motorista, as pessoas tendem a ser particularistas, tentam o “jeitinho”. Quando se trata de eleger ou ser eleito, tendem a ser universalistas. É como se o universalismo moderno fosse demandado em público, mas o particularismo continuasse a funcionar nos planos pessoal e privado (1994).

Esse “jeitinho” é encontrado no universo do futebol, segundo Fátima Antunes baseada nas observações de Mário Filho na figura dos *caronas* ou *burladores de catracas*. Estes indivíduos representam o desejo de entrar no estádio sem pagar, de levar vantagem sobre os demais, o que levaria o torcedor a cobiçar a sua posição. E leva vantagem sobre os outros se utilizando de seus relacionamentos pessoais (2004). O que uns enxergam como vandalismo, outros enxergam como um comportamento típico do caráter brasileiro.

Num penúltimo momento, cabe acrescentar o discurso do público estudado para fazer a ponte com o discurso do senso-comum sobre a violência apresentado por Da Matta: Por que agir com violência?

Um estudo feito por Giulianotti, mostrou que no Brasil, após um desempenho desastroso de seu time, os torcedores do Corinthians atacaram e atiraram projéteis no ônibus dos jogadores do time. Por um pesquisador, estes ataques podem ser considerados psicologicamente como expressivos de frustrações irracionais e coletivas, mas usualmente os torcedores explicam suas motivações em termos mais culturais e sociais: o time que recebe bem é acusado de uma falta de importantes virtudes pessoais e comunitárias, tais como integridade, orgulho no desempenho e respeito pelos públicos locais (1999).

Fátima Antunes coloca que na opinião de Nelson Rodrigues, os próprios jogadores representam o seu time e sua torcida (2004). Os jogadores não são senão o clube. O jogador que não se esforça representa “os próprios torcedores se entregando”, perdendo o jogo.

Num outro caso, o torcedor do “Mancha” Adalberto Benedito dos Santos é apresentado como possível autor da morte do “Independente” Márcio Gasperin e estabeleceu o seguinte diálogo com o repórter da TV Bandeirantes (Retirado do livro

Torcidas organizadas de futebol: violência e auto-afirmação: aspectos da construção das novas relações sociais de Pimenta, 1997, p. 111):

- “- Você chegou a bater em alguém?
- Não sei...
- Você se defendeu pelo menos?
- Defendi...
- O que você acha disso, você gosta?
- Gosto... é só prá chegar em casa e ter o prazer de tirar um barato com os meus amigos.
- Não importa que alguém morra nisto?
- Não sendo amigo meu, tudo bem”.

Pimenta, neste estudo, mostra que as torcidas organizadas creditam a violência à má condição dos estádios que não tem infra-estrutura, dos árbitros mal intencionados, do sensacionalismo da imprensa, da gozação de diretores ou torcedores de outros clubes, do despreparo da polícia militar em tratar o torcedor de futebol.

E para encerrar esta análise, cabe acrescentar a opinião da sociedade global brasileira sobre a violência dos torcedores organizados, formada através da mídia, desmistificando-a:

Segundo Joel Rufino, o futebol é ideologia nacional enquanto *visão* do futebol: alguém se apropria dele e o devolve à sociedade sob uma determinada forma, conveniente à sua hegemonia social. É como se no fundo nunca se pudesse ver o futebol brasileiro, mas apenas uma imagem produzida pela mídia. O que Domingos da Guia, que era craque, ou Bitum, que era perna de pau, jogavam, só seria *reconhecido* hoje como futebol se Galvão Bueno o apresentasse como tal (1999).

Estudos de Elizabeth Silva, 1999, mostram a questão da violência que é retratada pela mídia como algo atual que surge concomitantemente às torcidas organizadas. O causador dessas confusões seria o torcedor fanático (indivíduo humilhado por sua condição social, marginal ou vândalo) que se aproveita da multidão das torcidas para praticar a violência e o vandalismo, porém já fazendo apelos para a volta do torcedor “comum” ao estádio. Assim, o discurso da extinção das torcidas é reforçado.

Vejamos o quão enganoso é este discurso:

Inicialmente, entre os anos 20 e 30, os conflitos entre torcedores de diferentes clubes eram denominados *sururus*. Eram relatados semanalmente nas crônicas esportivas. Um exemplo num jogo ocorrido entre Vasco e Flamengo em 1945,

retirado do artigo de Elizabeth Silva in *Futebol Espetáculo do Século*, p.174, conforme narra o cronista A.S., enviado de *A Gazeta Esportiva*:

“Repentinamente, um tremendo sururu rebentou nas gerais, onde estavam localizadas as torcidas do Flamengo e do Vasco. Algo de inenarrável tivemos ensejo de presenciar por esta ocasião, pois, aproximadamente, perto de 10 mil pessoas trocavam pancadaria, tijoladas, cacetadas e outras coisas mais, tais como tiroteios de morteiros de bombas, que eram arrojados de um lado para outro, contra a multidão, pela própria multidão. Nunca vimos coisa igual em nossa vida. Cercas eram arrancadas, assim como tijolos da geral, e, estes, cruzavam o ar, qual um autêntico bombardeio, atingindo homens, crianças e senhoras (...)”.

Como foi visto no início do estudo, quando as torcidas organizadas surgiram, receberam total apoio da imprensa e das autoridades ligadas ao futebol porque quem as compunha eram sócios do clube, membros com uma certa distinção social. Eram designadas pela imprensa como portadoras do melhor comportamento esportivo dentro dos estádios, como as “moralizadoras” do ambiente. Os outros torcedores comuns, os “violentos” os insultavam com palavrões freqüentemente. Aqui um trecho retirado do artigo de Silva sobre o que fala a imprensa das torcidas uniformizadas, p.176:

“Contudo, o que tem melhorado um pouco esse fanatismo pessoal são as torcidas uniformizadas, que reúnem os sócios em um grande grupo sob o controle de pessoas equilibradas e de mais responsabilidade, e sob a ação direta da diretoria”.

Aqui o fanático é o torcedor demasiadamente apaixonado por seu clube, intolerante aos adversários, que leva sua paixão ao extremo da violência. Sua definição de classe social é *não pertence às torcidas uniformizadas*.

Assim percebe-se que o comportamento violento de torcedores já existia antes da formação da primeira torcida uniformizada de futebol e da primeira torcida organizada de futebol. Prova-se que acabar com as torcidas organizadas não eliminará o comportamento violento, como veicula a mídia. Somente contribuirá para que se torne ainda mais difícil a identificação de agressores, já que seus dirigentes oferecem à polícia informações sobre os sócios (inclusive fotográfica), permitem que revistas sejam feitas às sedes e convencem os sócios de que é necessária a filmagem da torcida dentro dos estádios para que a polícia possa provar que os verdadeiros culpados pela agressão não são torcedores associados.

Pimenta contradiz o discurso da mídia quanto ao fato da violência ser gerada pelo *vândalo*, único ator das organizadas. Numa amostragem de 60 torcedores:

73,8% Assalariados ou atividades ligadas ao comércio. Destes, apenas 4,5% ganham acima de quatro salários mínimos.

25% Desempregados, estudantes ou vivem subsidiados pelos pais.

1,2% não responderam à pesquisa.

2,7% Com formação universitária.

84% Concluíram primeiro e segundo graus.

13,3% Não concluíram primeiro grau ou não tiveram nenhuma instrução escolar.

Nota-se um grupo diversificado. Afirma o autor que os atores desse espetáculo são pessoas que assumem diversos papéis sociais em diferentes grupos (o filho, o trabalhador, o marido, o aluno,...). Quando se encontram nas organizadas assimilam os códigos da intimidação, masculinidade e da truculência física (1999). Portanto, a violência não é causada somente pela pobreza.

O Comportamento Ritual e Simbólico

Laplantine define símbolos como sendo uma forma de comunicação propriamente cultural expressa em atividades rituais.

Malinowski contradiz esta visão simbólica afirmando que o simbolismo não se fundamenta num misterioso elo entre o símbolo e o conteúdo da mente humana e sim entre um objeto, um gesto e sua ação no organismo receptor. O aprendizado do simbólico é uma espécie de treino com vista à conformidade com certos moldes, costumes e boas maneiras. Um exemplo é o do indivíduo que adquire a linguagem do grupo com o qual vive e caso se desvie desta linguagem, corre o risco de ser mal compreendido ou de não ser de todo entendido (visão funcionalista).

Numa visão culturalista e simbólica, acrescenta Da Matta que uma crença dos torcedores é que um jogo requer táticas, força, determinação psicológica e física, habilidade técnica, mas também depende das forças incontroláveis da sorte e do destino, por isso é necessário o comportamento ritual e simbólico (1982).

Por outro lado, Pimenta contradiz esta idéia ao afirmar que muitas vezes o produto final deste “conflito” vem cercado de certezas preestabelecidas, pois existem interesses econômicos em jogos, hierarquia entre clubes, influencia de dirigentes

com poder de barganha. Esta manipulação coloca em dúvida a incerteza do resultado e, muitas vezes, cientes disso, os torcedores continuam lançando mão do comportamento ritual e simbólico (1997).

Para Geertz, elementos simbólicos são formulações tangíveis de noções, abstrações da experiência fixada em formas perceptíveis, incorporações concretas de idéias, atitudes, julgamentos ou crenças. Sua utilização reflete em acontecimentos sociais. Os padrões culturais são sistemas complexos de símbolos que representam fontes extrínsecas de informação as quais são essenciais para determinar o comportamento humano. São eles que dão significado à realidade social e psicológica, expressam o clima do mundo e o modelam. Por isso, não é de se estranhar que o homem tenha uma dependência tão grande em relação aos símbolos e sistemas simbólicos ao ponto destes serem decisivos para sua viabilidade como criatura. Os gabaritos simbólicos são necessários porque o comportamento humano é plástico e deve ser controlado por fontes extrínsecas. É por intermédio dos padrões culturais (amontoados ordenados de símbolos significativos) que o homem encontra sentido nos acontecimentos em que vive. Particularmente onde esses símbolos não são criticados, os indivíduos que ignoram as normas morais-estéticas que os símbolos formulam, que seguem um estilo de vida discordante, são vistos como estúpidos, insensíveis, ignorantes.

Jonh Beattie afirma que a função dos símbolos é fornecer às pessoas meios de representar idéias abstratas que, em geral, têm grande importância prática. É expressivo, um modo de dizer algo importante, algo de valor. Seguindo esta linha de pensamento, LÉVI-STRAUSS, 1989, classifica os jogos como rituais disjuntivos, uma forma de simbolizar valores da sociedade capitalista ocidental:

“Os jogos aparecem como eventos de caráter disjuntivo. Ou seja, diferentemente do que ocorre nas rituais das sociedades pré-industriais e nas sociedades ditas primitivas, nas quais a lógica separa de antemão os envolvidos (iniciados e não iniciados) para, num momento posterior, promover a união ou junção em uma só categoria ou classe (todos iniciados), inversamente, os jogos e as competições partem de uma situação em igualdade (o 0 a 0, por exemplo, para citar o futebol em específico), para, ao final, promoverem um cisão, uma diferenciação entre ganhadores e perdedores. De uma simetria pré-ordenada, em virtude igualdade das regras entre os participantes, chega-se a uma assimetria imposta pelas contingências outras, que levam alguns a vencer e outros a perder”.

O momento do jogo dramatiza, de maneira virtual, como foi visto, as regras sociais, as representações de segregação do espaço urbano e mesmo as relações

de poder da sociedade, com suas hierarquias, "status", etc. Os ritos seriam, portanto, uma maneira apropriada de dizer o que se deve ser dito, são um fim em si mesmos, não é necessário provar a sua eficácia. Esta eficácia, segundo Martine Segalen, se dá simplesmente pelo ato de acreditar em seu efeito através das práticas de simbolização (2002).

Um outro exemplo para ilustrar os rituais que reforçam a hierarquia é o fato de existirem os apelidos nas torcidas. Segundo Toledo, além das referências espaciais, de bairros e regiões de origem, essa nomeação também evoca outras séries classificatórias, tais como circunstâncias, características físicas, comportamentos, vícios, profissão, etc. Os apelidos são construídos para individualizar e particularizar cada torcedor para dentro das torcidas, sendo que para fora delas, uma outra categoria é construída que abrange todos os indivíduos enquanto torcedores que passam a ser reconhecidos nas ruas (gaviões, manchas, coxas, atleticanos,...).

Um ritual interessante é o da entrada da torcida organizada no estádio que marca sua importância diante da torcida em geral. Também uma forma de reafirmar posições e hierarquias: a bateria, as bandeiras e a maioria dos integrantes da torcida entram faltando poucos minutos para o começo do jogo e somente quando se acomodam nas arquibancadas é que começam a cantoria, o samba, as coreografias, comandados pelo coração da torcida que é a bateria. Uma torcida organizada de prestígio é aquela que é notada pelos outros, odiada, xingada e vaiada. A postura diante do adversário deve exprimir beleza, coreografia, respeito e aversão.

O fato dos ritos simbolizarem idéias abstratas também explicaria por que as pessoas tendem a nutrir sentimentos fortes, até mesmo extremos para com seus símbolos. Como um autor dinâmico, John Beattie afirma a necessidade de se estudar o simbolismo tanto em sua dimensão simbólica como quanto em sua dimensão funcional de ação. O motivo desta necessidade será analisado em seguida para uma maior compreensão das limitações culturalistas e simbólicas.

Para ilustrar esta idéia, cito GIULIANOTTI, 1999, p.97:

"Para os jogadores e os espectadores, um importante estímulo é a "atmosfera" do jogo, especialmente no âmbito profissional: quanto mais intensa a "atmosfera", mais aprazível o jogo. (...) Os torcedores do futebol expressam intenso entusiasmo e afeição em relação à seu time, mas uma distância categórica e física ainda os separa. Os times rivais podem expressar entusiasmo e respeito mútuo antes e depois dos jogos, mas uma oposição competitiva básica permanece durante o jogo. (...) A organização espacial do campo, permitindo ou

enfraquecendo essas relações, desempenha papel importante na construção da “atmosfera”. Jogos sem essa tensão entre entusiasmo e distância, talvez em que não haja torcedores “distantes” entre o público, em que poucos torcedores da casa comparecem, ou em que os jogadores não tenham uma vantagem competitiva, são considerados sem esta atmosfera”.

Como foi visto, para a antropologia dinâmica, os rituais têm um caráter expressivo (antropologia simbólica e cultural) e instrumental (antropologia estrutural/funcional). Por que esta defesa? Pimenta faz uma crítica à Da Matta afirmando que estudar o futebol apenas como uma “profissão de fé”, somente sob o ponto de vista das dramatizações e símbolos, como foi visto até agora, sem a busca pelo sentido cultural e estrutural/funcional contribuem para reforçar a teoria de ser o futebol o “ópio” do povo ou uma “ocultação da realidade” que também funciona como um instrumento de controle social (1997).

Com a perspectiva simbólica e estrutural/funcional, somente quando os homens desempenham ritos que os resultados devem ser esperados. A magia é a representação de uma situação, a expressão de um desejo em termos simbólicos e somente o seu procedimento total é considerado eficaz. É uma maneira de pensar sobre as coisas e também de fazer as coisas. As pessoas recorrem a ela em situações de perigo ou infortúnio real (psicologicamente é um meio de aliviar a ansiedade). Porém, existem situações em que os ritos não aliviam a ansiedade e sim a intensificam: Pimenta explica que o corpo a corpo, o choque na disputa, a falsa guerra excitam a torcida (devido à correlação que o torcedor faz com o jogo) geram uma sobrecarga de tensões que pode incitar à violência (1997).

Visto como os rituais são estudados pelos diferentes enfoques antropológicos e o que significa o simbólico para cada um deles, cabe neste momento analisar como estes estudos geralmente aparecem no estudo das torcidas organizadas:

Numa visão funcionalista, a principal função social do ritual é expressar certos sentimentos, tal como a necessidade de apoio mútuo e de solidariedade entre os membros de uma sociedade, assegurando, deste modo, a manutenção do sistema social.

Ainda eram necessários objetos concretos que representassem os valores para simbolizar o ritual, e estes são chamados de totens. Durkheim viu que os totens eram símbolos valendo por algo mais que si próprios e representando o próprio grupo social. O homem atinge um nível de associação totêmico (homem = torcida = símbolos do time). Evans Pritchard acrescenta que nos símbolos totêmicos as

peças podem exprimir sua identidade moral e seus sentimentos de dependência recíproca e para com o grupo como um todo: a comunicação é feita através de signos e para expressar o sentimento de solidariedade são necessários símbolos, bandeiras que expressam tanto a unidade do grupo como o próprio indivíduo (1978). Exemplos de estudo nesta visão serão dados: o de uma coletividade operando como um indivíduo, da necessidade do bandeirão, da função do artefato e da habitação (estádios e sedes) além da função dos mitos.

O estudo da coletividade operando como indivíduo se dá, na medida em que, através da experiência de ritual coletivo, se tome consciência de uma outra realidade tão fundamental quanto o indivíduo: a realidade da sociedade em que se vive com suas fronteiras, limites, regras e, por causa disso mesmo, com a capacidade de união na vivência coletiva de ideais comuns. Já comenta DA MATTA, 2000, p. 139:

“Vendo um jogo de futebol (...), conseguimos realizar uma espécie de reconciliação social e emocional muito básica. Pois com isso juntamos novamente o indivíduo e a sociedade pela ação do nosso time ou do nosso jogador favorito. Durante a disputa, portanto, estamos individualizados pelo nosso time (ou seja, na continuidade claramente totêmica de uma aliança com o clube ou com o jogador); mas, no final do campeonato, estamos juntos com todos os outros torcedores, no pacto coletivo e essencial de dar o prêmio a quem o mereceu. E merecer aqui é o poder ser campeão, isto é, poder reunir em si todos os outros disputantes, perfazendo dentro de si – no espaço aberto pelo excelente desempenho – a totalidade. O movimento, como estamos vendo, é duplo: continuidade com o clube, descontinuidade entre os clubes; descontinuidade quando estamos na disputa, continuidade no final do campeonato, momento em que a totalidade inicial é recriada pelo vencedor”.

Um outro exemplo são as bandeiras. Mais especificamente o bandeirão representa a força, o prestígio e a riqueza das torcidas organizadas, por isso o ritual de abertura é uma efervescência na torcida. Depois de alinhada ela começa a ser aberta e o entusiasmo toma conta de todos, aplausos e vaias misturam-se. Estendida, ela inicia um caminhar pelas arquibancadas sempre sob os olhos atentos daqueles que por ela são responsáveis. Representa também um ideal comum da torcida.

Segundo Felix Keesing, o artefato também teria uma função. A função mais universal do vestuário e do adorno é indicar "status" devido à sua grande visibilidade (um meio ideal de simbolismo pode indicar quem é líder e liderado, a idade, a condição civil, a ocupação, a filiação política, entre outros): o indivíduo os usa sem esforço e pode ser identificado onde estiver.

A função da habitação é se tornar um meio de expressão social ou identificação individual ou grupal.

Os mitos podem ter função política assegurando a autoridade política tradicional quando reafirmam que tal instituição social tem o efeito de impedir abusos de comportamento e a comunidade reconhece sua autoridade (visão funcionalista).

Numa visão culturalista, como já vimos, é realizando uma espécie de cerimoniais que as motivações e disposições induzidas pelos símbolos sagrados nos homens e as idéias de uma certa ordem de existência que eles formulam para os mesmos se encontram e se reforçam. Sua função é fundir o mundo vivido e o imaginado tornando-os um só. O sagrado contém em si mesmo um sentido de obrigação intrínseca: exige a devoção e reforça o compromisso emocional. Exemplos de estudo nesta visão também serão dados: o que representam os locais específicos do estádio e as Sedes para os torcedores, os objetos e a música:

Numa visão simbólica e culturalista, os clubes são denominados simbolicamente de acordo com um “local” particular e, assim, têm o tipo de laço afetivo com uma localidade específica. Tanto que em alguns casos a violência pode ser uma manifestação de uma reverência profundamente protetora e ciumenta que os torcedores sentem em relação “à sua casa”. Um outro exemplo é a crença de que os jogadores ao jogarem “em casa”, têm um desempenho mais efetivo. Já Tuan, 1974, de acordo com Giulianotti, utiliza o termo “topofilia” para descrever essa profunda afeição das pessoas pelos espaços sociais particulares, ou “locais”. Emerge uma relação psicossocial com esses espaços, uma vez que adquirem um significado embutido para as pessoas que os descobrem (1999). Ocorre que o campo de futebol evoca memórias e estimula expectativas. Suas características são particularmente idealizadas: a inclinação do terreno, a cor dos tijolos, a arquitetura da arquibancada. Cada uma delas significa o “status” especial do campo relativo a outros estágios. Assim, considera-se que cada campo tem seu próprio caráter sócio-geográfico, representativo da comunidade dos torcedores.

Normalmente, como já foi visto, as torcidas organizadas costumam demarcar o seu local dentro do estádio com bandeiras e até mesmo bambu. Os conflitos entre torcedores de equipes diversas costumam ocorrer em zonas fronteiriças, ambíguas do estádio onde se pode encontrar torcedores de quaisquer clubes (Da Matta, 1982).

Já acrescenta Magnani que quando o espaço torna-se ponto de referência para distinguir determinado grupo de freqüentadores como pertencentes a uma rede

de relações, recebe o nome de *pedaço*. Como já foi dito, é nestes espaços que se tece a trama do cotidiano e dessa forma eles acabam sendo ao mesmo tempo resultados de práticas coletivas e condição para o exercício do lazer e sua fruição. A Sede, por exemplo, é o local onde os torcedores encontram-se e mantêm-se atualizados sobre diversas atividades, tais como: festas, jogos de várzea, futebol de salão, comentários dos jogos, a situação dos times no campeonato e até mesmo fatos sobre a política e a vida, enfim. Pertencer a essa rede implica o cumprimento de determinadas regras de lealdade que funcionam também como proteção, inclusive quando as pessoas aventuram-se para o desfrute do lazer *fora do pedaço*, como acontece com disputas de futebol em outros bairros, excursões. O conflito e a hostilidade estão sempre latentes em todo o lugar fora do pedaço por ser aquela parte desconhecida do mapa, local de perigo. Numa torcida organizada, os freqüentadores não necessariamente se conhecem, mas sim se reconhecem enquanto portadores dos mesmos símbolos que remetem a gostos, orientações, valores, hábitos de consumo e modos de vida semelhantes (2000).

Sobre as Sedes dos times, sua manutenção e organização é fundamental, pois são espaços que demarcam e inscrevem no espaço urbano um lugar específico para os torcedores dentro da cosmologia e do imaginário edificadas. As torcidas organizadas se constituem a partir desses espaços torcedores. Interessante notar que fora do espaço de jogo o sentimento de disputa tende a diminuir.

Numa visão culturalista, os objetos, músicas, segundo Geertz, têm um significado simbólico que é um produto da experiência coletiva adquirindo um significado cultural sendo sempre um processo local. Adquirem um papel na vida de uma sociedade ou setor de uma sociedade e é isso que lhes permite existir, assim como a freqüência de seu uso. Já diz Da Matta que através deste significado simbólico é possível analisar valores de uma sociedade (1994).

Exemplos disto são o fato dos torcedores levarem a sério o uso da camiseta em dias de jogos (principalmente os jovens que se sentem pessoas importantes e diferenciadas) e até mesmo as cores de seu time, podendo, em dia de jogo, ameaçar qualquer civil que traje cores de seu time adversário ou culpar a derrota do time pelo uso da camiseta errada. Ilustro com um pequeno artigo de Sílvio Turra, torcedor que escreve para o site www.fanatismo.com.br no link de Opinião:

“A Maldição Dourada

Amigo leitor, quando todos esperavam mais uma vitória do Furacão, eis que “mãe” atleticana ergueu mais um, desta vez o clube que deveria ter ido pra segunda divisão há muito tempo, chamado Paraná Clube. Mas o que poderia ter acontecido? Acordo entre dirigentes? Um dia atípico? Ou forças desconhecidas? A segunda opção é a mais sensata, porém vamos para o lado místico da coisa, tem “uruca” nessa camisa dourada (pra mim é creme) que por sinal foge às cores do Clube.

O fato é que temos mais fracassos do que sucessos com essa camisa e como futebol também é místico, porque não trocá-la? Volte à branca, ou o terceiro uniforme todo preto com detalhes em vermelho passe a ser o segundo. Estamos perdendo pontos preciosos por causa dela. A coloração também pode afetar os jogadores, deixando-os sem vontade, se tiver algum leitor estudioso no assunto por favor manifeste-se, os leitores e este colunista irão agradecer muito. O fato é que com camisa ou não, perdemos três pontos preciosos”.

E a música que ainda é um veículo capaz de unir idéia, emoção, palavra e ação. Serve tanto para enviar mensagens aos iguais quanto para comunicar coisas diferentes, inferiores e indiferentes, comunica todos entre si sendo um cartão de visitas das organizadas, cada qual pretendendo ser a mais “fudida”, a mais “temida” dentro e fora dos campos de jogo.

GIULIANOTTI, 1999, p. 37, faz uma análise interessante sobre o dia de jogo:

“Os torcedores são muito parecidos, aproveitando a oportunidade ritualmente para usar suas roupas que dão sorte, digerindo seu alimento do futebol da sorte e garantindo seu assento favorito. (...) As cores das torcidas denotam sua identidade tribal distinta da de seus adversários distantes amontoados no outro oposto do mundo. Seus cantos mágicos de apoio totêmico ecoam, nas extremidades cobertas. (...) O entusiasmo é aumentado pelas torcidas rivais pulando e ao mesmo tempo cantando seus hinos. (...) Foguetes e fogos de artifício saúdam a entrada dos times; o símbolo de um outro ato de comunhão é os times rivais preferirem “defender” o gol do lado em que suas respectivas torcidas estão situadas. (...) Os gols são momentos de êxtase do público. (...) O apito final encerra a cerimônia: aclamação e desdém acompanham os vencedores e os perdedores, enquanto os jogadores desaparecem, voltando para o interior do templo (vestiário). Os vitoriosos abandonam o campo tumultuosamente com muito barulho e os derrotados calmamente e sem as camisas que usavam para absolver o seu destino”.

No exemplo dado, fica claro, como coloca Da Matta, uma das formas de luto de torcedores organizados: saírem sem camisa. Bandeiras enroladas, fora do ar são outro exemplo de símbolos que não estão aonde deveriam estar. Ocultar o símbolo equivale à recusa da representação, já que o fracasso caminha juntamente com a vergonha (1982).

E para encerrar, estudando a opinião do objeto de estudo, cabe acrescentar como e porque o torcedor vê a necessidade de seus rituais e de cantar uma música em dia de jogo.

Dalton Renan de França escreveu para o site www.e-atletico.com e pode-se perceber a necessidade dos rituais para incentivar o jogador em campo:

“Mais um show na Arena

Sempre falo para amigos que o que está faltando para o sucesso do Atlético é continuação das cantorias da torcida, suas alegrias nas arquibancadas da Arena, a torcida acompanhar, falta mais festas na arquibancada, afinal, a torcida está reclamando dos jogadores que não se empenham nos jogos, mas se eu fosse um jogador também reclamaria de que não está sendo incentivado, que não está tendo apoio, o lateral Fabiano sempre agitou seus braços para que a torcida continue a estimular, a continuar com os ritmos dos cantos, das batucadas vindo da arquibancada, não podemos esquecer que o mesmo vaiado Alessandro também levantou muito seus braços para que a torcida atleticana transmita mais energia para o campo, como dizem alguns setores da mídia: “Arena é bafo na nuca”. O que está faltando é garra da torcida, não se vê mais bexigas, chocalhos, apitos, sinalizadores, fumaças vermelhas e pretas, fogos de artifícios, toda essa estrutura na torcida organizada influi no rendimento do jogador, acontecendo isso da torcida, cabe ao jogador corresponder em campo, o que se vê hoje é cobrança do jogador, pedindo mais empenho, mais garra, e quando isso acontece, a torcida se incendeia, mas o contrário também deve acontecer, a torcida se incendiar, e o jogador se sentir estimulado, quando um não quer, dois não podem. O que falta mais é “incêndio” vindo das arquibancadas, mais assédio, mais vibração, para aí sim essa energia chegar a campo e assustar o time adversário, percebemos que ultimamente a Arena está uma “geladeira”, fruto do pouco desenvolvimento da torcida atleticana, que ultimamente tem pouco estimulado os jogadores. Só se ouve reclamações e muitos procurando culpados das vitórias. Vamos acordar, torcedor atleticano, cantar, vibrar, elogiar, transmitir mais energia, mais alegria. Com certeza muitas vitórias virão, que os próprios jogadores querem. Avante Atlético”.

Artigo retirado do site www.fanatismo.com.br escrito por Márcio Pacheco no link Opinião sobre o que é cantar uma música e qual a sua função:

“Ei, você aí!

Libera a bateria que o rubro-negro vai ser bi! Criatividade até para protestar, essa é a marca da nossa torcida. Desde os gritos mais antigos que nem são mais utilizados como o famoso "pau nas" intercalado com a torcida dos porcos que gritava "coxa", a gente é imbatível na criatividade e na facilidade com que nossa galera aprende as letras e faz questão de estar sempre em dia com os lançamentos.

No últimos jogos já deu para perceber que nossa nova música vai pegar mesmo. A galera toda cantando "Só eu sei... por que eu não fico em casa". Às vezes fico pensando que somos realmente privilegiados, pois os coxas têm umas musiquinhas que só meia dúzia sabe e aquele ridículo ÔÔÔ que todos os times cantam. Até hoje eles ainda ficam calados quando atiramos o pau neles. É por isso que temos o maior número de adeptos entre as torcidas do estado. Quem não se contagia com nossas músicas e nossos gritos? ”.

2.43 Os fatores sócio-econômicos: Influenciam na participação em torcidas?

Numa visão culturalista e simbólica, segundo Da Matta, o papel social de cidadão é a moeda cívica corrente e oficial do sistema, mas todos sabemos que essa moeda perde o valor quando o número de cidadãos se amplia e a cidadania passa a ser um direito de todos, sua função se torna inflacionada e existe a impossibilidade do Estado em fazer face a essas novas demandas. O papel, assim, se desvaloriza e deixa de ter poder aquisitivo jurídico, político e social e o resultado

é que, em muitas situações concretas, ninguém deseja ser cidadão no Brasil. Quando se vivem circunstâncias de anonimato e impessoalidade, sempre se tenta usar outros papéis sociais – ou outras moedas sociais mais valorizadas e com maior poder aquisitivo – a fim de obter aquilo que se quer (1994). A própria violência é um destes recursos, como já foi explicado. O homem tem uma dependência tão grande em relação aos símbolos e sistemas simbólicos ao ponto destes serem decisivos para sua viabilidade como criatura. Os gabaritos simbólicos são necessários porque o comportamento humano é plástico e deve ser controlado por fontes extrínsecas. É por intermédio dos padrões culturais (amontoados ordenados de símbolos significativos) que o homem encontra sentido nos acontecimentos em que vive.

E numa visão funcionalista/estruturalista, às vezes, o motivo de lucro ou vantagem material é substituído ou suplementado pelo que Firth chamou de “motivo de incremento de "status" de um grupo frente a outro”. Esta seria uma outra forma de justificar a hierarquia, já que nas torcidas existem pessoas de todas as classes sociais. Assim, os valores sociais continuam a ser representados, mas aqui quem tem o poder são os mais antigos membros, os membros da bateria ou os fundadores da torcida. O "status" interno de um grupo, como já foi visto, reflete nos diferentes papéis que os indivíduos assumem no funcionamento de um grupo e cada "status" requer o cumprimento de certas obrigações em relação aos demais indivíduos que habilitam este, em especial, a certos direitos.

Ora conclui-se que **participar** de uma torcida, ajuda a suprir a necessidade humana dando uma falsa impressão de igualdade entre os membros torcedores e de solidariedade entre estes (visão funcionalista) e exprime os valores sociais e culturais da sociedade vigente através do simbolismo. E isto independe de aspectos financeiros de acordo com as visões antropológicas.

E no imaginário do torcedor? Fica claro que esta questão que é tão reforçada no “mundo lá fora”, aqui não teria nenhuma influência no caso de participação. Não se está afirmando que os aspectos sociais não influenciam de forma direta na participação dos torcedores e sim que no imaginário destes isto não faz diferença para a adesão ao clube.

Mas então, de que forma os aspectos sócio-econômicos influenciam na participação em torcidas organizadas?

Exemplos desta influência, numa visão estruturalista, se vêem na estrutura das organizadas, na disposição dos torcedores nas arquibancadas, na tendência

que agora surge de modernizar os estádios de futebol selecionando o público torcedor (atuando na participação em torcidas e em seu comportamento) e no surgimento do que Giulianotti denomina de “pós-torcedores”. Examinaremos a seguir cada um destes exemplos:

No Brasil, segundo Pimenta, organizou-se ao redor dos torcedores uma estrutura burocrática voltada à realidade de uma sociedade de consumo. Cria-se a figura do associado e da elite diretiva desse agrupamento, institui-se a venda de objetos que levam a marca da “torcida”, ou seja, assume-se uma postura empresarial com transações comerciais de razoável volume mesmo sendo a torcida organizada uma instituição constituída em pessoa jurídica, sem fins lucrativos. São regidas por estatutos que determinam modelos de regras burocráticas básicas, como a eleição de presidente, diretoria e conselho deliberativo. Ganhando corpo aumentam o número de participantes e os sócios contribuem financeiramente para a manutenção da organizada que, por sua vez, promove festas, reuniões, ônibus em dias de jogos à disposição, descontos nos ingressos, etc. (1997). Uma nítida influência na organização da estrutura das organizadas baseada na organização sócio-econômica atual pode ser notada.

Sobre a disposição dos torcedores nas arquibancadas, afirma Toledo que os assentos são, de maneira muito clara, diferenciados para as autoridades, para os pobres e para os ricos. Desse modo, arquibancadas e gerais são ocupadas pelas massas e cadeiras, tribunas e camarotes por indivíduos. Este fato reafirma o estudo da ritualização do jogo tendo como resultado final uma cisão simbólica, como visto anteriormente. Toledo narra que chegando ao estádio, a primeira tarefa a ser cumprida é colocar as faixas e estabelecer o território a ser ocupado nas arquibancadas. Essa delimitação é feita pelas bandeiras que são estendidas ou mesmo por bambus. Frequentemente acontecem desentendimentos entre os torcedores organizados e os torcedores comuns que primeiro se estabelecem nestes lugares previamente demarcados por aqueles. É freqüente também observar o território das torcidas organizadas vazio, pois elas retardam o momento de entrar nas arquibancadas.

Desde 1990, a ligação estrutural entre o futebol e as classes trabalhadoras enfraqueceu muito. Os clubes e a polícia estão menos tolerantes a formas expressivas de apoio. Surge o discurso funcionalista da violência causada somente por torcedores organizados e se defende o *negócio futebol* que é incompatível “com

esta violência” (este é o discurso oficial). A real preocupação é com a ameaça aos negócios que circundam o evento esportivo. Reformas nos estádios estão substituindo as antigas arquibancadas por acomodações mais confortáveis para as famílias. Os excluídos gradativamente tendo que se submeter a altas taxas de assinaturas para assistir aos jogos pela televisão. O *merchandising* e as questões acionárias levam a crer que os clubes têm como público-alvo um grupo de torcedores do futebol com poder aquisitivo superior.

Podemos ter uma perspectiva do que pode ocorrer aqui no Brasil com o processo de seleção econômica dos torcedores pela modernização dos estádios, com o estudo de GIULIANOTTI, 1999, p.83 do que ocorre na Espanha e na Itália:

“Na Espanha e na Itália, algumas facções *últtras* foram acusadas de extorsão contra seus clubes e a mídia. No início da década de 1990, o grupo que torcia para o Real Madrid, o *Ultrà Sur*, supostamente tentou extorquir dinheiro dos jogadores e dirigentes do clube para pagar bandeiras e despesas de viagem no dia de jogo. (...) Os acusados foram incriminados por ter demandado dinheiro dos câmeras que filmavam nas arquibancadas, e chantageando o Roma na compra de ingressos mais baratos, ameaçando-o de comportamentos tumultuados nos jogos. Aparentemente essas ofensas parecem sinônimo de extorsão, todavia, lembram também a tentativa desesperada de alguns torcedores dedicados e sem condições de sustentar sua organização e suas despesas relacionadas. Participantes mais poderosos na cultura do futebol (jogadores, jornalistas e pesquisadores) são bem versados em reivindicar honorários das redes de televisão em troca de seu tempo e pensamentos. Entre os torcedores do Roma, parece haver um grupo tentando fazer o mesmo em troca dos direitos de filmarem seu carnaval nas arquibancadas”.

Além de ser uma forma de selecionar o público, a modernização dos estádios é uma forma de controle espacial sobre os torcedores. Acrescenta Giulianotti que a transformação dos campos em grandes áreas de compras e lazer envolve a disponibilidade de lojas para a venda de mercadorias. Por isso, antes dos jogos ou no intervalo, o espectador não passeia mais para apenas observar o resto dos torcedores e sim para olhar vitrines, analisar os produtos do clube enquanto consumidor (1999). Uma ideologia que surge é a que torcedor “leal ao clube” é aquele que pode pagar altos preços pelos mais variados novos modelos de camisas a serem usadas pelo time em cada temporada. O aumento no preço dos ingressos dificulta à ida aos estádios o que obriga os torcedores a encurtar a distância assistindo aos jogadores de seus clubes em treinos durante a semana, já que a televisão não reproduz a “atmosfera” do jogo.

Aqui no Brasil, nota-se, segundo Afonsinho, que a reforma no Maracanã pretende eliminar os espaços destinados às camadas populares, como a geral. As

cadeiras se estenderiam até a beira do campo, os primeiros lugares teriam uma visão de cinema. Além do mais, acabaria com aquele fosso entre o campo e a geral (1999). Pimenta acrescenta que o estádio tem previsão de ar condicionado, acento numerado, entradas pagas com cartão eletrônico e outros serviços, um verdadeiro *Shopping* (1999).

E tudo isso reflete no torcedor exigindo novas posturas comportamentais e econômicas, segundo Pimenta, centradas na ordem e nas etiquetas cerimoniais. Deve se portar de maneira comportada podendo aplaudir, chorar, sorrir, mas não sendo parte do espetáculo, como espectadores de teatro ou de cinema (1999).

Urry (1990) afirma que os “pós torcedores” surgiram no Reino Unido com importantes mudanças ocorridas na estrutura de classes nas sociedades ocidentais no período pós-industrial. Especificamente, estes torcedores fazem parte de uma “nova classe média” de colarinho branco (Bourdieu, 1984). Muitos deles tiveram formação acadêmica, tendem a possuir empregos em vendas, pesquisas de mercado e mídia. Esta classe abraça a cultura popular em vez de rejeitá-la, freqüentemente misturando futebol ao rock com interesse por literatura e artes cênicas. No entanto, esse consumo cultural que praticam está longe de ser passivo. Já os caracteriza GIULIANOTTI, 1999, p.190:

“Os “pós-torcedores” do futebol compartilham esta capacidade de reflexão, ironia e participação. Eles representam uma ruptura epistêmica nas formas mais antigas de torcida, particularmente na “passividade” do torcedor. Os “pós-torcedores” têm consciência da natureza construída das reputações dos torcedores e da tendência da mídia em exagerar ou inventar tais identidades. Eles adotam uma abordagem reflexiva ao interpretar as posições relativas de poder dos jogadores e clubes nas estruturas políticas do futebol nacional e internacional. Eles mantêm uma postura irônica e crítica em relação à propaganda que tem origem junto à direção e contra a relação que em geral é de simpatia entre estes últimos e os meios de comunicação de massa”.

Mas tudo isso não significa que as torcidas organizadas brasileiras irão acabar ou inexistir. Afirma Pimenta que ao contrário, elas poderão sair fortalecidas do isolamento que vivem diante da necessidade de público nos estádios. Poderão ter apenas que praticar novas posturas abandonando o comportamento “agressivo” e “performático” (1999).

Analisadas as dúvidas iniciais, cabe, neste momento, clarear ao leitor qual foi a metodologia utilizada nesta pesquisa e abarcar as conclusões de forma resumida e esquemática.

3.0 METODOLOGIA

Tratamos aqui de metodologia. Metodologia significa, etimologicamente, o estudo dos caminhos, dos instrumentos usados para se fazer ciência. É uma disciplina instrumental a serviço da pesquisa. (DEMO, 1989, p.7).

O presente trabalho caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica qualitativa, de abordagem dialética e procedimento comparativo através do mecanismo da tradução. Essa metodologia torna viável um primeiro entendimento do comportamento das torcidas organizadas de futebol através de todo o material que já foi produzido sobre elas à luz dos diferentes enfoques antropológicos.

Mostrando o conteúdo sob diferentes enfoques, inicialmente buscou-se o estudo do fenômeno social total, um dos maiores conceitos forjados por Marcel Mauss, como comenta Laplantine, que consiste na integração dos diferentes aspectos (biológico, econômico, jurídico, histórico, religioso, estético...) que constituem uma dada realidade social. Não se pode afirmar que todo o fenômeno social é também um fenômeno mental, da mesma forma que todo fenômeno mental é também social, devendo as condutas humanas ser apreendidas em todas as suas dimensões, e particularmente em suas dimensões sociológica, histórica e psicofisiológica. E ainda, para compreender o fenômeno social total, é preciso compreendê-lo alternadamente tal como o percebe o observador, mas também como os atores sociais o vivem (1988). É claro que somente com este estudo fica complicado atingir esta totalidade idealizada e o que ocorreu foi a seleção de certos aspectos da torcida organizada, até porque faltam muitos estudos ainda nesta área.

A dificuldade maior, portanto, não é interpretar sob o seu ponto de vista e sim observar a cultura do outro, segundo o olhar de Geertz, como sendo a atividade ou produção intelectual de uma época ou grupo social específico (2002). E continua o autor: (...) o pensamento deve ser entendido 'etnograficamente', ou seja, através de uma descrição daquele mundo específico onde este pensamento faz algum sentido.

Assim, visa-se realizar uma revisão bibliográfica sobre os principais pressupostos antropológicos, abordando definições sobre como estudar as sociedades, suas diferentes culturas e comportamentos, a fim de utilizá-los no estudo das torcidas organizadas para entender um pouco mais sobre a própria sociedade capitalista ocidental brasileira.

Para Manzo (1971, p. 32), a bibliografia pertinente “oferece meios para definir, resolver, não somente problemas já conhecidos como também explorar novas áreas onde os problemas não se cristalizaram suficientemente” e tem por objetivo permitir ao cientista “o reforço paralelo na análise de suas pesquisas ou manipulação de suas informações (Trujillo, 1974, P 230). Desta forma, a pesquisa bibliográfica não é apenas uma repetição de algo que foi dito ou escrito. Ela propicia, sim, o exame de um tema sob um novo enfoque ou abordagem e as conclusões podem ser inovadoras.

Por este motivo, a melhor opção foi a de realizar este estudo através da pesquisa bibliográfica. Utilizando-se de informações, argumentação dos teóricos e registros, a pesquisa será desenvolvida através dos seguintes passos:

- 1) Escolha do Tema que se deseja desenvolver: Neste estudo foi feita através da observação de torcidas organizadas de futebol e o posterior desejo de desvendar em que cultura nasce e se justifica o comportamento que elas assumem.
- 2) Elaboração do Plano de Trabalho: O primeiro passo seria um estudo sobre os principais enfoques antropológicos, procurando-se argumentação para discutir a cultura das pessoas que fazem parte de torcidas. Assim, será feita a análise da Antropologia Social, Cultural e do Esporte para posterior comparação ao estudo específico sobre as torcidas organizadas. Após esta instrumentalização e tentativa de entendimento, um segundo e inevitável passo seria realizar uma pesquisa de campo que não será proposta neste trabalho e sim posteriormente.
- 3) Identificação: Fase de reconhecimento do assunto na qual se realizou um levantamento bibliográfico com identificação das obras que interessam.
- 4) Localização: Procura das fichas bibliográficas nos arquivos das bibliotecas da faculdade, especialmente no setor da educação.
- 5) Compilação: Reunião sistemática do material contido nos livros.
- 6) Fichamento: De todas as obras para facilitar a sistematização de cada tópico a ser estudado.
- 7) Análise e interpretação das fichas (livros e depoimentos de jornal) para:

- Procurar esclarecer a necessidade que o torcedor tem de andar em grupos e alimentar rivalidades.

- Revisar na Antropologia o que existe em termos de sociedades e comportamentos para comparar ao estudo das torcidas buscando entender o porquê do comportamento que a cultura brasileira julga violento e se realmente existe a procura de identidade social.

- Entender a questão do comportamento violento e o surgimento das torcidas num contexto global.

- Perceber a questão do mito e do ritual no comportamento da torcida (porque ainda são utilizados e como se refletem na atualidade).

Como um dos objetivos do estudo é obter informações sobre a vida dos povos, mas especificamente sobre os princípios da sociedade brasileira, houve a necessidade de realizar uma pesquisa qualitativa já que estas informações não podem ser quantificadas e precisam ser interpretadas de uma forma muito mais ampla.

Segundo TRIVINOS,1987, p.124:

“A pesquisa antropológica qualitativa tem por objetivo estudar a cultura, descrevendo-a para apreender seus significados. Esta é sua meta, mas não exclusivamente. (...) Sua tarefa não é simples, porque não existe nada mais complexo que desvendar os propósitos ocultos ou manifestos dos comportamentos dos indivíduos e das funções das instituições de determinada realidade cultural e social. A validade de suas conquistas reside precisamente na exatidão com que realiza a busca de significados que condutas e organismos têm para os indivíduos que são afetados direta ou indiretamente, clara ou obscuramente, em suas decisões e em suas vidas”.

A abordagem escolhida foi a dialética. Dessa forma, o estudo apresenta as seguintes características:

- Pesquisa qualitativa que ressalta a importância do ambiente natural na configuração da personalidade, problemas e situações de existência do sujeito. O meio é visto como uma realidade muito mais ampla e complexa na qual ocorre a evolução dos grupos sociais tendo os aspectos econômicos, políticos, religiosos e científicos significados essenciais para a vida humana.

- Os dados são analisados a partir da essência e da aparência do fenômeno social concreto, tendo seus significados avaliados através da prática social.

- Parte da descrição que intenta, como explicado acima, captar não só a aparência, mas também a essência dos fenômenos: causas de sua existência procurando explicar suas origens, relações, mudanças e se esforça por intuir as conseqüências que terão para a vida humana.
- Preocupação com o processo e não simplesmente com os resultados.

O procedimento comparativo foi a forma encontrada para relacionar o estudo antropológico ao comportamento das torcidas organizadas. Segundo Eva Lakatos, este procedimento propicia o estudo das semelhanças e diferenças entre diversos tipos de grupos, sociedades ou povos e contribui para uma melhor compreensão do comportamento humano. Com a finalidade de verificar similitudes e explicar divergências, é usado tanto para comparações de grupos no presente como no passado ou entre os existentes e os do passado (1994).

Este tipo de análise comparativa pode apresentar alguns equívocos como o do princípio evolucionista que prega que muitos elementos das sociedades “complexas” corresponderiam ao desenvolvimento de características presentes em “estado embrionário” nas sociedades “primitivas”. Neste estudo, atentou-se para este fato e houve um cuidado na defesa de que cada sociedade é diferente de outra no tempo e no espaço e não pode ser explicada por qualquer lei geral.

Isso não significa, como prega a doutrina do relativismo cultural, que pelas sociedades serem diferentes no tempo e no espaço, não podem ser entendidas por pessoas de outras épocas de forma adequada. Segundo GEERTZ, 2002, p.69:

“É claro que podemos, sim, entender essa imaginação alheia de forma bastante adequada, ou pelo menos tão bem quanto se pode entender algo que não seja propriamente nosso; mas isso não será possível, se nos limitarmos a olhar *por trás* das interpretações intermediárias que nos relacionam com aquela imaginação. É preciso olhar *através* delas”.

E para que o estudo das torcidas organizadas pudesse ser efetivado de forma a respeitar e entender a cultura destas pessoas e não simplesmente julgar o comportamento com base em pressupostos de uma outra cultura, lançou-se mão do mecanismo da tradução, assim descrito e explicado por GEERTZ, 2002:

“Tradução significa, principalmente, a reformulação de categorias para que estas possam ultrapassar os limites dos contextos originais onde surgiram e onde adquiriram seu significado, com o objetivo de estabelecer afinidades e demarcar diferenças. E não significa simplesmente remoldar a forma que as outras pessoas tem de se expressar em termos de

nossas formas de expressão, mas sim mostrar a lógica das formas de expressão deles, com nossa fraseologia”.

Um exemplo prático de aplicação deste mecanismo está no estudo de um ritual brasileiro. Segundo Da Matta, o único modo de estudar este tipo de ritual é tomá-lo como exótico. O primeiro processo seria de uma apreensão intelectual na qual o exótico é transformado em familiar. Essa será a via adotada.

O objetivo é chegar num método que possa auxiliar na determinação do sentido que as coisas têm para a vida ao seu redor e isso exige um treinamento em significação (trabalho com idéias).

O que se tenta analisar paralelamente são as diferentes culturas e comportamentos sociais para perceber como os diferentes valores refletem na prática social de cada sociedade.

Enfim, é descobrir como os outros, além mar ou do outro lado do corredor, organizam seu universo de significados, moldam e são moldados pelas suas formas de organização.

Diferentes teorias mostram diferentes enfoques, desta forma visa-se mostrar as diferentes facetas de um estudo antropológico sobre um mesmo tema, porém, tendo em vista que a realidade não pode ser apreendida em sua totalidade, o que se pode fazer é abordá-la sob diferentes pontos de vista. Segundo Laplantine, só pode ser considerada como antropológica uma abordagem integrativa que objetive levar em consideração as múltiplas dimensões do ser humano em sociedade.

4.0 CONCLUSÕES

O futebol expressa o “caráter nacional em chuteiras”, tendo maior importância para alguns do que o alimento na mesa, o custo de vida, as mazelas políticas. Como está enraizado em nossa cultura, não se pode negar a sua influência na formação da mentalidade e no comportamento do homem brasileiro. A importância de seu estudo como fenômeno social pode contribuir para o entendimento da sociedade brasileira, tanto a nível simbólico como a nível funcional: desvendar facetas históricas, socioculturais, econômicas e políticas.

Mas porque estudar especificamente as torcidas organizadas? Basta uma caminhada pelos grandes centros urbanos e logo se entra em contato com uma imensa diversidade de personagens, comportamentos, hábitos, crenças e valores. As formas de sociabilidade e cultura jovens, como a dos torcedores, vem crescendo a cada dia e cabe aos pesquisadores buscarem os significados e motivos da existência destes comportamentos exatamente por estarem se tornando mais comuns e assustadores para uma parcela da população que não compreende seus reais significados, que não participa desta cultura.

A concepção do futebol como estilo de vida para os torcedores implica trocas, conflitos e contaminações entre variados padrões de sociabilidade observados a partir de sua fruição. Caracterizados por uma certa fluidez e heterogeneidade, esse agrupamentos torcedores aglutinam indivíduos de variadas regiões das cidades, animados por expectativas diversas, diferenciados por faixas etárias, níveis econômicos. E esse novo padrão, formador de um determinado estilo possui também uma dimensão espacial cuja importância não pode ser negligenciada.

Assim, em resposta à primeira pergunta formulada: De que forma a cultura do torcedor se relaciona com a sociedade global em que está inserida? , concluiu-se que:

- 1) Numa visão funcionalista/estruturalista, o futebol tem a função de manter a ordem social e integrar os indivíduos sem que estes se dêem conta desta função, assim, a participação em torcidas seria uma espécie de “ópio do povo” e sua estrutura imita a social vigente.
- 2) Numa visão culturalista e simbólica, basta olhar o significado do jogo para compreender a confluência de valores da sociedade global com a torcida: o jogo significa basicamente ter que se submeter a regras que valem para

todos sem poder alterá-las e seu traço distintivo é a noção fundamental das regras para todos e uma aceitação da idéia de justiça (que legitima o ganhador e o perdedor) e individualidade (quem perde é o torcedor e não sua família, classe,...).

- 3) Normalmente o objeto de estudo não tem claro para si de que forma sua cultura está relacionada com a sociedade global. Quem faz este tipo de análise é o pesquisador.

Em resposta à segunda pergunta: Será a participação nessa estrutura uma necessidade intrínseca de crer em algo e/ou a procura de uma identidade social? , conclui-se que:

- 1) Numa visão funcionalista, a necessidade do torcer advém de algo que a estrutura social não pode prover aos seus habitantes (solidariedade e individualidade) e que é encontrado quando o indivíduo alia-se à algum tipo de clube. Isso propicia que a ordem social seja mantida e esta fica sendo a função destas instituições. Ainda se defende que grande parte dos integrantes de torcidas organizadas são os jovens. O que os fascina é a idéia de “segurança” que o grupo pode proporcionar diante de uma sociedade de sobrevivência, de concorrência, de luta de todos contra todos (para os adolescentes de um contra todos). Os jovens teriam, portanto, uma necessidade de se agregarem a um grupo que transmita sensação de força e coragem.
- 2) Numa visão culturalista e simbólica, muitos torcedores organizados concebem o torcer como um *estilo de vida*. Desse modo, o conjunto de microespaços simbólicos estabelecidos pelos torcedores organizados, traduzidos na vestimenta, na apropriação dos espaços públicos, na musicalidade que imprime de maneira peculiar ao torcer, no comportamento desviante, na linguagem, enfim, resulta em práticas de distanciamento e mesmo legitimação diante de outros grupos e papéis que assumem no cotidiano. O torcer significaria, portanto, a busca por uma identidade social.
- 3) Na visão do objeto de estudos o que torna o torcer atrativo é a estranha confraternização que ocorre em dias de jogo entre pessoas que não se conhecem, é uma válvula de escape para as tristezas, uma forma de divertimento, uma tradição passada de geração à geração.

E, em resposta à pergunta: Os fatores sócio-econômicos influenciam na participação em torcidas? , concluiu-se que:

- 1) **Participar** de uma torcida, ajuda a suprir a necessidade humana dando uma falsa impressão de igualdade entre os membros torcedores e de solidariedade entre estes (visão funcionalista) e exprime os valores sociais e culturais da sociedade vigente através do simbolismo. E isto independe de aspectos financeiros de acordo com as visões antropológicas.
- 2) Não se está afirmando que os aspectos sociais não influenciam de forma direta na participação dos torcedores e sim que no imaginário destes isto não faz diferença para a *adesão* ao clube.
- 3) Exemplos desta influência, numa visão estruturalista, se vê na estrutura das organizadas, na disposição dos torcedores nas arquibancadas, na tendência que agora surge de modernizar os estádios de futebol selecionando o público torcedor (atuando na participação em torcidas e em seu comportamento) e no surgimento do que Giulianotti denomina de “pós-torcedores”.

O estudo das torcidas sob diferentes enfoques foi realizado com o objetivo de mostrar que não existe apenas um ponto de vista, que a realidade não se restringe a um enfoque válido e a outros “ultrapassados”, mas sim que ela pode ser abordada de diferentes formas, cada qual com suas vantagens e limitações que devem estar claras ao leitor. Este, muitas vezes ignora se as generalizações e afirmações feitas pelo autor sobre regras e valores são resultado de suas próprias análises acerca de todos os tipos de comportamento observado ou se são as avaliações do próprio povo estudado.

Cabe lembrar que o objetivo deste trabalho é embasar teoricamente o pesquisador na área de seu estudo, no caso, o estudo das torcidas organizadas. Sem este embasamento, a pesquisa de campo corre o risco de tomar um caráter amador.

Aqui tentei responder algumas perguntas, de uma forma geral, com aquilo que já foi estudado, em campo, por alguns pesquisadores. Por este motivo, a visão do objeto de estudos foi prejudicada, já que nem todos os pesquisadores consideram esta uma visão válida para análises e/ou se a consideram, muitas vezes não a tornam clara em suas pesquisas. Para tornar este ponto de vista mais fidedigno, o ideal é partir para uma pesquisa de campo, o que neste estudo não foi

possível realizar. Assim, algumas das perguntas formuladas não puderam ser estendidas sob este ponto de vista.

A pesquisa, porém, foi válida, já que o futuro pesquisador, ao entrar em contato com o presente trabalho, consegue vislumbrar o perfil deste público e ao partir à campo, percebe as diversas possibilidades de olhar o objeto de estudos, quais as vantagens e limitações de seu olhar e de que forma pode enriquecer a sua pesquisa.

5.0 REFERÊNCIAS

ADORNO, T. W. e HORKHEIMER, M. **Temas Básicos da Sociologia**. SP: Cultrix, 1977.

ANTUNES, F. M. F, **Com Brasileiro não há quem possa: Futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues**. SP: UNESP, 2004.+

BEATTIE, J. **Introdução à Antropologia Social: objetivos, métodos e realizações da antropologia social**. SP: Ed. Nacional/ Ed.USP, 1971.

CARDOSO, R. C. L. **A aventura: Antropologia, Teoria e Pesquisa**. 3ªed, RJ: Paz e Terra, 1997.

CIONESKI, Luciane. **Ser Fanático**. [www.osfanaticos.com.br]. Artigo pesquisado em 30. out. 2004.

CORDEIRO, Elias. **Atleticanismo**. [www.furacao.com]. Artigo pesquisado em 30. out. 2004.

COSTA,C. **Sociologia - Introdução à ciência da sociedade**.SP: Editora Moderna,2ªedição,352p.

DA MATTA, Roberto. **Conta de Mentiroso: sete ensaios de antropologia brasileira**. RJ: Rocco, 1994.

_____. **Relativizando: uma introdução à Antropologia Social**. 6ªed,RJ: Rocco, 2000.

_____. **Universo do Futebol: Esporte e Sociedade Brasileira**. Rio de Janeiro. Pinakoteke. 1982.

DEMO, Pedro. **Metodologia científica em ciências sociais**. 2.ed. rev. e ampl. São Paulo: Atlas, 1989.

EVANS PRITCHARD, E.E. **Antropologia Social da Religião**. RJ: Campos, 1978.

FELDMAN-BIANCO, Bela. **Antropologia das Sociedades Contemporâneas: Métodos.** SP: Global, 1987.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas.** RJ: Zahar, 1978.

_____. **O saber local: novos ensaios em Antropologia Interpretativa.** 5ªed, Petrópolis: Vozes, 2002.

GUIULIANOTTI, R. **Football: A Sociology of Global Game.** August, 1999. Media: Hardcover.

HARRIS, Marvin. **A natureza das coisas culturais.** RJ: Civilização Brasileira, 1968.

HOBBSBAWN, E. **Invenção das Tradições.** 2ªed, RJ: Paz e Terra, 1997.

KESSING, F.M. **Antropologia Cultural: A Ciência dos Costumes.** 2ªed, RJ:Fundo de Cultura, 1972.

LACH,E.R. **Repensando a Antropologia.** Tradução : José Luis dos Santos, 2ªed, SP: Perspectiva, 2001, 200p, il: Debates Antropologia 88.

LAKATOS, E. M. e MARCONI, M. A. **Fundamentos de Metodologia Científica.** 3ª Ed. São Paulo: Atlas, 1994.

LAPLANTINE, F. **Aprender Antropologia.** SP: Editora Brasiliense, 206 páginas., 1988.

LARAIA, R. de Barros. **Cultura: um conceito antropológico.** 9ªed, RJ:Zahar, 1993..

MAGNANI, J. G. C. **Quando o campo é cidade: Fazendo antropologia na metrópole.** In: MAGNANI, J. G. & TORRES, L. L. (org), *Na Metrópole.* EDUSP/ Fapesp, 1996.

MANILOWSKI, B.K. **Uma teoria Científica da Cultura e outros ensaios.** Lisboa:Edições 70, 1997.

MONTEIRO, A. R. de **Torcer, lutar, ao inimigo massacrar: Raça Rubro-Negra!** 1. ed. RJ: Editora FGV, 2003.

OLIVEN, R.J. **Antropologia de Grupos Urbanos**. Petrópolis: Vozes, 1985.

PACHECO, Márcio. **Ei, você aí !** [www.fanatismo.com.br]. Artigo pesquisado em 30. out. 2004.

PIMENTA, C. A. M. **As transformações na estrutura do futebol brasileiro: o fim das torcidas organizadas nos estádios de futebol**. In: Futebol Espetáculo do século. SP: Musa Editora, 1999, p 131 – 145.

_____. **Torcidas organizadas de futebol: violência e auto-afirmação: aspectos da construção das novas relações sociais**. SP: Vogal, 1997.

RENAN, Dalton. **Mais um show na Arena**. [www.e-atletico.com]. Artigo pesquisado em 30. out. 2004.

RIGO, L. C; PARDO, E. R; RODRIGUES, A; FIGUEIREDO, M. B; THEIL, L. Z. **Amizade e Sociabilidade no Futebol Menor Pelotense**. In: Congresso Sul Brasileiro de Ciências do Esporte, 2004, Crisciúma. Anais...Crisciúma: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, 2004.

SAHLLINS, M. D. **Sociedades Tribais**. RJ: Zahar, 1970.

SHAPIRO, H. L. **Homem, cultura e Sociedade**. RJ: Fundo de Cultura, 1966.

TOLEDO, Luis H. **No país do futebol**. SP: Jorge Zahar, 2000.

TRIVINOS, A. N. S. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais**. São Paulo: Atlas, 1987.

TURNER, V. W. **O processo ritual: estrutura e anti-estrutura**. Petrópolis: Editora Vozes, 1974.

TURRA, Sívio. **A Maldição Dourada**. [www.fanatismo.com.br]. Artigo pesquisado em 30. out. 2004.

Resumo da história dos Gaviões da Fiel

*José Cláudio de Almeida Moraes (Dentinho)

**Eduardo Escolese

O ano é 1969. A ditadura militar reprime, prende e assassina sem piedade. Nas ruas, os estudantes pedem o fim do regime de opressão. Clamam por anistia ampla e geral. O medo é total. Nos quartéis lhes ensinam uma antiga lição; de morrer pela pátria e viver sem razão. Quase tudo é proibido.

O ano é 1969. Surge o Mobral e a Rodovia Transamazônica. As grandes obras faraônicas vão sendo construídas e ao mesmo tempo calando a voz do povo.

O ano é 1969. A Seleção Brasileira de Futebol consegue uma vaga para a Copa do México e Pelé comemora os seus mil gols.

O ano é 1969. Já em Cabo Canaveral, USA, três homens partem para a lua. O que era impossível, torna-se realidade.

O ano é 1969. São Paulo, Capital. Alguns jovens *corinthianos* resolvem fundar aquilo que viria a ser mais tarde a maior Torcida Organizada do Brasil: OS GAVIÕES DA FIEL. Mas por que isso? A resposta já estava pronta, para pôr fim na ditadura que também predominava no CORINTHIANS.

E o motor gerador desses jovens era a paixão pelas coisas do TIMÃO. Mas tudo começou mesmo lá pelos anos de 1965. Eles já não agüentavam mais tanto pouco caso. Tanto desrespeito e falta de competência. Era chegada a hora.

Uma reunião aqui, outra ali e o grupo ia crescendo. Muitas foram as pessoas que os ajudaram. No início não havia local para fazer se encontrarem. Um dia na casa de um. Outro dia no consultório de um corintiano amigo. Sendo em que alguns dias as reuniões se davam numa praça ou em alguma rua da capital.

O ideal daqueles jovens ia se tornando realidade. A amizade já se tornara fraternidade. Tudo era discutido e decidido em grupo. A finalidade era de colaborar com a vida do clube, não só incentivando o time, mas também participando efetivamente da vida política administrativa do Sport Club Corinthians Paulista.

Logo no início ficou claro que esses jovens possuíam uma visão questionadora e participativa. Os líderes começaram a surgir de maneira muito natural. Havia o “cabeça pensante”, aquilo que costumamos chamar de intelectual do grupo. E também aquele que punha a cara e saía na frente. O chamado “guerreiro valente”. Portanto, os GAVIÕES DA FIEL, desde seu início, já possuíam em sua raiz o pensador e o prático. E foi da união dessa teoria e prática que ela se estruturou e se agigantou. Hoje são milhares de *corinthianos*, vestidos de GAVIÕES. É a maior torcida organizada do país. Mas para chegar onde chegou foi preciso muitas lutas. Batalhas intermináveis. Mas sempre com seu objetivo principal: o CORINTHIANS.

O tempo foi passando e a história foi registrando que quando se fala em torcida *corinthiana* pensa em GAVIÕES DA FIEL, aquela que lidera os espetáculos nos estádios e no Carnaval Paulistano. Graças à soma dessas duas atividades, as vitórias foram surgindo automaticamente. Hoje os GAVIÕES dividem os primeiros lugares no Carnaval de São Paulo, com as maiores escolas de samba do Grupo Especial. Só não é líder isolada porque o medo dos adversários é maior. Os GAVIÕES nasceram não para competir, e sim para disputar e vencer. Ser GAVIÃO é isso aí: ser ou não ser o primeiro.

Em outubro de 1974, outra vitória: a conquista da sede social. Local designado para aqueles que sabem que a vida é a arte do encontro. E o encontro maior é quando milhares de GAVIÕES se reúnem para falar do CORINTHIANS. A razão maior da existência dos GAVIÕES DA FIEL.

Outros tempos

O fato de termos passado e vivido uma fase de muita turbulência, nos primeiros anos que sucederam nossa fundação, não foram suficientes para que colocassem um ponto final na história de ditadura e repressão que, para ilusão de nossa parte, parecia esgotada e superada.

Veio, dentro desse aspecto, a inesquecível década de 90. Inesquecível, em nosso caso, é aquilo que se refere ao positivo e negativo.

Em 1992, o Grêmio Gaviões da Fiel Torcida confeccionou a carteirinha do associado de número 20 mil. Na ocasião, um número a ser comemorado por toda a comunidade: seríamos a maior de todas as torcidas: diferenciando-se das demais pela ideologia e fanatismo em prol do Corinthians.

Moda, dinheiro e quantidade

O ano de 1994 chegou para marcar a história da entidade *corinthiana*. De um lado, tínhamos o aumento incontrolável do número de associados. E, conseqüentemente, o desempenho de nosso desfile no Anhembi trazia preocupação às escolas concorrentes.

As torcidas organizadas eram vistas como a “mania” do momento. A qualidade, que sempre foi o nosso principal objetivo, era substituída pela quantidade. Não bastava ser um simples corinthiano. Na época, notava-se no comportamento da juventude uma necessidade “imbecil” de provar aos amigos do colégio, aos vizinhos e aos companheiros de serviço que a camisa dos Gaviões, e das outras torcidas, significava um escudo para ir aos estádios.

Hoje afirmamos: a moda das torcidas prejudicou drasticamente nosso controle perante o associado e o diálogo e respeito junto aos órgãos de comunicação.

Temos a lembrança de um certo sábado que exatamente 406 *corinthianos* se filiaram aos Gaviões. O dinheiro que entrava no cofre da torcida era motivo de alegria para os adereços do carnaval e ao mesmo tempo era sinônimo de preocupação pelos poucos que levariam a sério a verdadeira ideologia da torcida.

Nos anos de 1994 e 1995 não havia jogo do Corinthians sem latas de fumaça em preto e branco, rojões de bandeirinha, bandeirões, bexigas, bandeiras da torcida e o grito *corinthiano* ritmado pelo som de nossa bateria.

Impunidade e punição

O fim de um sonho não passava na cabeça do mais cauteloso dos *corinthianos*. Vale lembrar que a impunidade, maior aliada da violência, imperava nas imediações das praças esportivas.

Veio então a implantação da ditadura nas arquibancadas do Estado de São Paulo. Fomos proibidos de forma inconstitucional de adentrar aos estádios com a camisa de nossa torcida, faixas, bandeiras e instrumentos da bateria.

Hoje, passados quatro anos desta portaria da Federação Paulista de Futebol, lutamos com todas as forças para retornar ao nosso lugar de origem.

Da boca pra fora

Falar dos Gaviões da Fiel sem nos conhecer é muito fácil. Um contra-exemplo deste preconceito é o respeito adquirido junto ao Comando da Polícia Militar. Profissionais a serviço da população que freqüentam e vivem os problemas de uma arquibancada ao nosso lado. Triste, na verdade, é ouvir e/ou ler declarações de alguns jornalistas que jamais pisaram em uma arquibancada e nunca tiveram a preocupação de visitar a nossa sede a assistir a uma reunião aos novos associados (leia texto abaixo).

Será que a falta de público nos estádios é culpa de uma entidade com 30 anos de história? Lembre-se do alto preço dos ingressos, dos “vagabundos” conhecidos como guardadores de carro e cambistas, da sujeira dos estádios,

dos casos de corrupção que envolvem dirigentes e árbitros, o mundo mercenário que domina os jogadores de futebol...

Amor infinito

Trinta anos se passaram e continuamos cada dia mais atuantes, cheios de vida e com perspectiva de um futuro ainda melhor.

Passadas três décadas só resta agradecer a todos que ajudaram a escrever a história da maior e melhor Torcida Organizada do país: os GAVIÕES DA FIEL.

Reunião aos novos associados

As reuniões aos novos associados, que ocorrem desde a fundação do Grêmio, tem o objetivo de integrar o *corinthiano* à ideologia da maior torcida organizada do Brasil. O princípio da conferência consta em explicar o surgimento dos Gaviões em meio ao regime militar que comandava o país e aos 15 anos que se passavam sem o Corinthians conquistar um único título. Em seguida a palavra é dada aos associados que iniciam uma série de perguntas aos mediadores da reunião. Os assuntos tornam-se diversificados, incluindo temas como a proibição das torcidas nos estádios, a violência que assusta os fanáticos torcedores, a impunidade que prevalece em relação aos vândalos, as inúmeras dificuldades que o desportista corinthiano encontra para ir aos estádios (ingressos com o preço fora da realidade, jogos desinteressantes, transporte coletivo de péssima qualidade, as trapalhadas dos dirigentes de clubes e federações, 'flanelinhas' (guardadores de carro) e cambistas e o procedimento de um verdadeiro gavião nos palcos esportivos. Esclarecidas todas as dúvidas, a conferência prossegue convidando os recém-chegados a participarem dos eventos oferecidos pela comunidade alvinegra (campeonatos de futsal, salão de jogos, botequim às sextas-feiras, feijoada aos sábados, caravanas em todos os jogos do Corinthians e os tradicionais ensaios para o carnaval). Já devidamente estimulados a integrar nossa família, os novos integrantes da entidade corinthiana participam da última rodada de esclarecimentos em relação à filosofia da torcida comportamento nas arquibancadas, os órgãos que dirigem os Gaviões (Conselho Deliberativo e Diretoria Administrativa), os lemas a serem seguidos (Lealdade, Humildade e Procedimento) e principalmente a consciência de que o glorioso Sport Club Corinthians Paulista é a única razão da nossa existência.

* Presidente da Gaviões da Fiel

** Assessor de Imprensa - Gaviões da Fiel